Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial

Memórias de um Paraíso em Tempo de Guerra

Catálogo da Exposição

AE Agrupamento de Escolas de Vilela

N.O.M.E.S

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Ficha técnica

Sinopse. A exposição «Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Memórias de um Paraíso em Tempo de Guerra» é o produto final de um projeto de reconstituição histórica da vida de oito pessoas que escaparam ao Holocausto passando por Portugal, através do contacto de um grupo de alunos com os próprios ou um familiar dessas pessoas, no âmbito das atividades do Projeto N.O.M.E.S. do Agrupamento de Escolas de Vilela, no ano letivo 2012/2013.

Pesquisa e Concepção. Ana Teixeira, Beatriz Serôdio, Daniela Pinheiro, Diana Ferreira, Filipa Machado, Flávia Teixeira, Filipe Oliveira, Francisco Dias e Gonçalo Moreira, (9.º B)
Ana Leal, Andresa Silva, Igor Nunes, Inês Costa e Inês Pereira(9.º F)
Projeto N.O.M.E.S.

Propriedade. Agrupamento de Escolas de Vilela

Patrocínio. Fundação Calouste Gulbenkian

Ano de Edição. 2013

AE Agrupamento de Escolas de Vilela

N.O.M.E.S.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial

Memórias de um Paraíso em Tempo de Guerra

Ruth Arons

Berlim, 26-04-1922 | ---

A 26 de abril de 1922, **Ruth Arons** nasce em Berlim, filha do advogado Albert Arons e da doméstica Charlotte Arons. Passados três anos nasceu a sua irmã Ellen. A família Arons, judia, vivia na Behren Straβe nº 6, tendo-se mudado duas vezes, até que passou a viver na Koenigsweg Straβe nº 24, num apartamento alugado, junto ao lago Lietzensee.

Era uma família plenamente integrada na sociedade alemã, tendo mesmo o pai combatido na I Guerra Mundial pelo lado da Alemanha, como voluntário. Aliás, no bairro de Neu Köln, em Berlim, ainda hoje existe a Aronstraβe, rua evocativa do seu tio-avô Leo Arons, um inventor, professor universitário de Física e militante do Partido Social-Democrata.

Das suas lembranças mais antigas da infância, Ruth tinha a perceção que tudo era normal, que não havia distinções até que Hitler subiu ao poder e começou a discriminar os judeus, aplicando leis antissemitas. A partir de então, as diferenças físicas tornaram-se mais relevantes: havia os alemães que eram mais ou menos loiros e de olhos azuis e os judeus morenos e de cabelo e olhos pretos. A partir de então, até os amigos judeus e não judeus viam essas diferenças e começou a haver uma discriminação incrível, começando Ruth a ter a dramática consciência de que não pertencia à maioria dominante, mas a uma minoria. Na escola e nos bancos de jardim começaram a aparecer cartazes antissemitas com as expressões “proibido aos Judeus” e por todo o lado exibiam-se as caricaturas horríveis de propaganda do jornal nazi *Der Stürmer*. Ruth Arons não chegou a usar a estrela de David pois quando saiu da Alemanha, no final de 1935, ainda não era obrigatório usá-la.

Figura 1. Ruth e a irmã Ellen, Berlim, finais dos anos 20.

Figura 2. Behren Straβe, 1930 (Fonte: http://www.bild.bundesarchiv.de/).

Figura 3. Lago Lietzensee, 1932 (Fonte: http://www.akpool.co.uk/).

Em Berlim, Ruth estudou numa escola oficial mas após as primeiras leis antissemitas o pai transferiu as filhas para um colégio católico por considerar este mais seguro, ou, como diz Ruth Arons, “Os católicos eram mais brandos do que os nazis”. Pelo menos até um dia, quando a professora que semanalmente dava aulas particulares a um grupo de alunas lhes disse, a Ruth e à irmã, que não podiam ir mais a casa dela a não ser sozinhas e sem que ninguém as visse.

Com o agravar das medidas antissemitas, nomeadamente as *Leis de Nuremberga*, que retiraram aos judeus alemães a nacionalidade e os proíbem de casar com alemães, Albert Arons, que tinha lido o *Mein Kampf*, e que já deixara de ter autorização para exercer a profissão de advogado por ser judeu, toma a decisão de abandonar o país e levar a sua família para longe daquele regime.

Ruth Arons, 1936.

Nas férias de Natal de 1935, Ruth e Ellen, com 13 e 10 anos, respetivamente, foram enviadas para a Suíça onde os pais lhes disseram que não mais voltariam para a Alemanha. Ruth e a irmã ficaram na casa da avó, em segurança, durante três ou quatro semanas, enquanto os pais regressaram à Alemanha para organizarem os seus haveres e preparar a viagem até Portugal, onde ainda era fácil entrar dado que não eram exigidos vistos a não ser de turista. Para as duas jovens aquela estadia na Suíça foi maravilhosa pois não havia cartazes antissemitas e podiam sentar-se nos jardins onde quisessem.

Ruth Arons

Berlim, 26-04-1922 | ---

Ruth Arons, 1936.

Depois dos pais empacotarem todas as mobílias e tratarem do seu envio para Portugal, ainda tiveram de pagar um imposto elevadíssimo antes de saírem da Alemanha. Enquanto Albert e Charlotte prosseguiram com o seu objetivo de se afastarem rapidamente da Alemanha, a avó de Ruth teimou em regressar ao seu país e não acompanhou a família no seu périplo até Portugal.

A viagem até Lisboa foi feita de carro, num Adler descapotável, tendo a família passado por Paris, onde passa uns dias com os tios Heinz e Meta Arons que aí decidem ficar julgando-se protegidos dos nazis.

Figura 4. Ruth e a irmã Ellen, na viagem até Portugal, no Adler descapotável, 1936.

Depois desta estadia na capital francesa, a família segue pelo vale do Loire onde visita os célebres castelos e segue para Espanha onde também aproveitam para visitar várias cidades como Salamanca. Para a jovem Ruth, esta foi uma viagem de aventura e descoberta, “um passeio muito agradável”, e não uma fuga a uma situação que se tornava cada vez mais complicada, apesar de se sentir “aliviada e ansiosa ao mesmo tempo”.

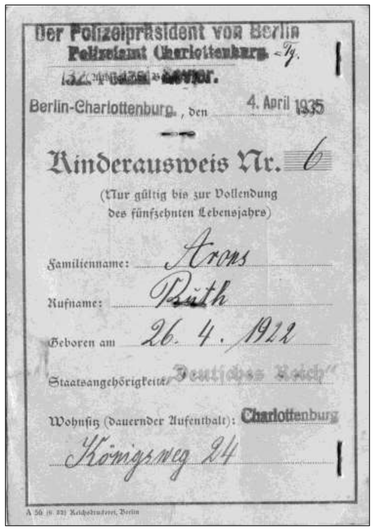
Reiseausweis.

(Nur für Kinder unter 15 Jahren.)

Der Vorsteher des Polizeireviers.

4. April 1935

Der Polizeipräsident in Berlin
Polizeiamt Charlottenburg-Tiergarten



Der Polizeipräsident von Berlin
Polizeiamt Charlottenburg

Berlin-Charlottenburg, den 4. April 1935

Kinderausweis Nr. 6

(Nur gültig bis zur Vollendung des fünfzehnten Lebensjahres)

Familienname: Arons

Rufname: Ruth

Geboren am 26. 4. 1922

Staatsangehörigkeit: Deutsches Reich

Wohnsitz (dauernder Aufenthalt): Charlottenburg

Königsweg 24

Figuras 5 a 7. Documentação de Ruth usada na viagem da Alemanha até Portugal.

Chegada em maio de 1936 a Lisboa, na primeira leva de judeus a chegar a Portugal, a família Arons hospeda-se inicialmente no Grande Hotel Inglaterra, na Rua dos Restauradores, em frente ao Palace Hotel onde agora se situa um edifício que é da Câmara Municipal. Aí estão cerca de duas semanas, até que se instalam, durante um mês, na Pensão Lis, na Avenida da Liberdade, ao lado do Hotel Tivoli que à semelhança de todas as pensões e hotéis da época, estava repleto de espanhóis nacionalistas, “provavelmente a planear o golpe franquista”.

Figuras 8 e 9. Hotel ou Pensão Lis, em Lisboa, s.d. (Fonte: http://postaisantigos.blogspot.pt/) e Palácio do Egipto em Oeiras, entre a Igreja Matriz e a Escola Conde de Ferreira, Anos 50 (Fonte: Arquivo Municipal de Oeiras).

Não tendo ainda chegado a Portugal a mobília vinda da Alemanha, os Arons alugam uma casa mobilada na Parede, em Cascais, por um período de cerca de seis meses. Chegados os móveis, a família decide alugar um apartamento em Santo Amaro de Oeiras, no edifício denominado Palácio do Egipto, que é hoje o Centro Cultural Palácio do Egipto em Oeiras. Juntamente com os móveis vindos da Alemanha vem um imenso lote de livros: literatura clássica alemã, uma enciclopédia *Brockhaus*, obras de filosofia e política e o livro de cozinha da avó.

Em 1936, na capital portuguesa, o número de refugiados, segundo a historiadora Irene Pimentel, rondaria os 600, ainda que a maioria fosse constituída por espanhóis apoiantes de Franco, a preparar a tomada do poder. Para Ruth, Portugal era um mundo estranho e diferente e Lisboa "uma aldeia, muito atrasada", ruidosa, com muitos pregões na rua, e os portugueses, apesar de "simpáticos e solícitos", mostravam-se também distantes, sendo "muito difícil para um estrangeiro ser aceite nos respetivos círculos sociais". Ruth lembra-se do seu pai convidar pessoas para irem a sua casa, destas aceitarem mas que depois não apareciam, nem os convidavam para irem a casa delas. A sociedade portuguesa era ainda muito fechada e "a sua vida privada permanecia em regra fechada aos refugiados". Para Ruth, uma jovem de 13 anos acabada de chegar a Portugal, habituar-se ao regime de Salazar seria habituar-se ao regime do país pois, sendo ainda uma criança, sentia que não era nada de especial. Porém, crescer fez com que mudasse de ideias devido à falta de liberdade que existia, e por isso, tornando-se opositora ao Regime Salazarista.

Figura 10. As irmãs Ruth e Ellen Arons na praia, pouco depois de chegarem a Portugal.

Logo após a sua vinda para Portugal, Ruth e a irmã, que já tinham aprendido francês na Alemanha, começaram a estudar no Colégio Feminino Francês, em Lisboa, onde hoje é a Fundação Oriente. Neste colégio, as irmãs, nos primeiros meses, frequentaram o programa onde as aulas eram lecionadas só em francês, mas quando começaram a falar com mais facilidade português, passaram para o programa franco-português, para poderem realizar os exames oficiais portugueses, tendo ao mesmo tempo lições de francês e aulas de literatura e da história francesa. Ruth não sentiu que aprender português tivesse sido difícil pois "os miúdos aprendem depressa" e tanto ela como a sua irmã insistiam para que as suas colegas do colégio não falassem com elas em francês, mas sim em português, pois queriam aprender a língua do seu novo país. Apesar de saberem falar português, as meninas sempre falaram alemão com os pais, mas entre si, e "pelo resto da vida", falaram português, mesmo nas cartas que escreviam uma à outra, após Ellen ter emigrado para a Holanda, onde casou e acabou por falecer.

Enquanto residiam na Alemanha, Albert Arons trabalhava como advogado mas, com a fuga da família para Portugal, este não pôde exercer mais a profissão para a qual tinha estudado. Caso quisesse continuar a ser advogado, teria de refazer os estudos, porém, desaconselharam-no a fazê-lo pois, para obter sucesso no ramo, teria de ter vários contatos pessoais e dinheiro para conseguir esse cargo, mas como era estrangeiro, isso seria "quase impossível".

Ruth Arons

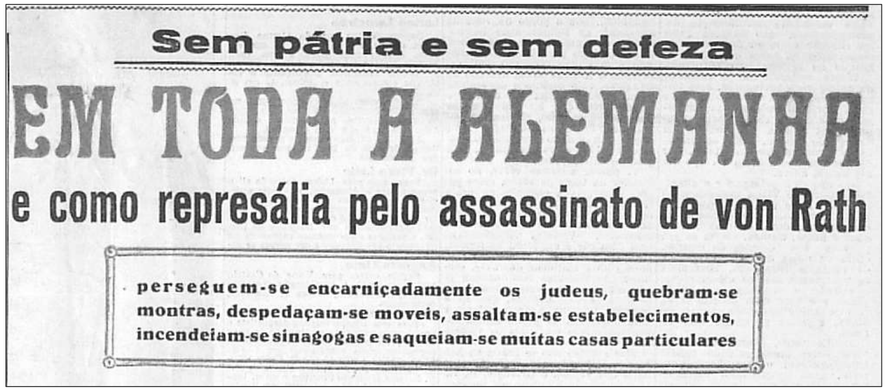
Berlim, 26-04-1922 | ---

Ruth Arons, 1936.

Assim, o pai de Ruth, que conseguira trazer algum dinheiro para Lisboa, conseguiu abrir uma empresa de importação e exportação de conservas de sardinhas, ainda em 1936. Esta chamava-se Albert Arons, era constituída por um escritório e simplesmente duas pessoas trabalhavam lá: um paquete e um empregado. Esta empresa funcionou até 1947, ano em que Albert retirou-se devido a uma doença.

Na sua estadia em Oeiras, no Palácio do Egipto, a família Arons contatou com outras famílias portuguesas que viviam também no mesmo edifício, assim como com outras famílias de refugiados que viviam na mesma localidade.

Das famílias com quem contataram e mantiveram contato até hoje fazem parte Kurt Jacobsohn, a sua mulher, a sua mãe e as duas filhas. Kurt era professor na Universidade de Ciências, onde era investigador, e já residia em Portugal com a família antes de Albert ter trazido a sua para Lisboa. Acabaram por se tornar os melhores amigos dos Arons e, hoje em dia, apesar dos seus pais terem falecido, as duas filhas de Kurt Jacobsohn ainda contatam com eles, estando a mais velha a viver em Israel e a mais nova a residir em Oeiras.



Sem pátria e sem defeza

EM TODA A ALEMANHA

e como represália pelo assassinato de von Rath

perseguem-se encarniçadamente os judeus, quebram-se montras, despedaçam-se moveis, assaltam-se estabelecimentos, incendeiam-se sinagogas e saqueiam-se muitas casas particulares

Figura 11. Recorte do *Jornal de Notícias* sobre a "Noite de Cristal", 11 de novembro de 1938.

A 9 de novembro de 1938, a avó materna de Ruth Arons residia ainda na Alemanha tendo assim vivido a "Noite de Cristal", em Berlim, em pleno centro da perseguição. Ruth ouviu a notícia na rádio e nunca mais esqueceu essa noite. Nunca mais esqueceu o choro da mãe perante as notícias e os receios do que poderia acontecer à Sr.ª Hedwig (avó de Ruth), que se recusara a seguir a família até Portugal. Nessa noite, muitos judeus foram assassinados e feridos, muitos locais pertencentes a comunidades judaicas foram completamente destruídos e incendiados e cerca de 30 mil judeus foram enviados para campos de concentração. "Horrível" é o adjetivo usado por Ruth para descrever o acontecimento e os sentimentos perante as ameaças que a avó sofria. Após os acontecimentos da "Noite de Cristal", a avó de Ruth sentiu que não tinha alternativa e acabou por seguir os conselhos da família e vir para Portugal "sem nada e muito infeliz".

Pagou ainda um imposto absurdo (em fevereiro de 1939, os judeus residentes na Alemanha e na Áustria que quisessem partir teriam de contribuir com 0,5% a 10% do valor das suas posses e com um "imposto de fuga") e veio de mãos e coração vazios, sem a alegria que a neta sentiu ao deixar a Alemanha para trás. Em Portugal, a Sr.ª Hedwig não perdeu a pronúncia germânica, continuou a fazer os pratos típicos da sua terra natal e ainda hoje Ruth sente o aroma e o sabor dos pratos que a sua avó cozinhava.

Declarada a guerra e à medida que esta ia evoluindo, Lisboa ia perdendo aquele ar de aldeia triste e transformava-se numa metrópole em ebulição, onde refugiados, perseguidos políticos e espiões pincelavam o ar com os seus idiomas e culturas diferentes e hábitos estranhos iam-se entranhando pelos diversos recantos da cidade. A vida da maioria dos refugiados em Lisboa, a partir de 1940, era, no entanto, uma luta constante pela sobrevivência.

Figuras 12 a 14. Refugiados na praia, nas esplanadas da Costa do Estoril e a passear na Av. da Liberdade, 1940 (Fonte: PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*, Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.)

Ruth Arons

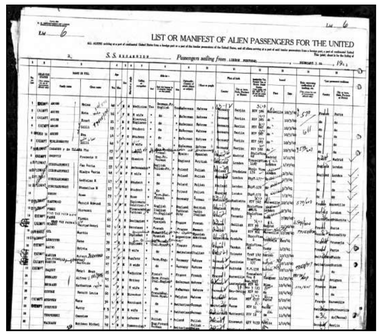
Berlim, 26-04-1922 | ---

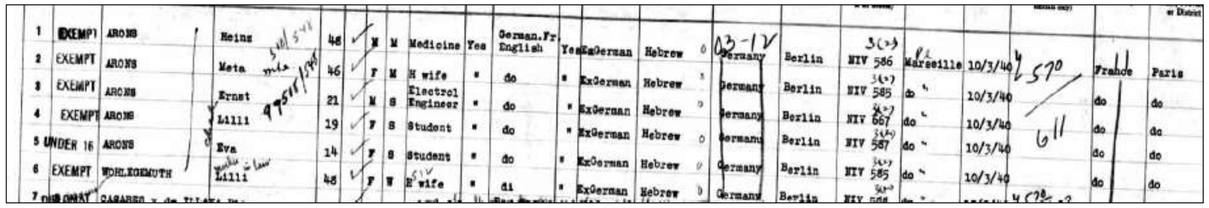
Ruth Arons, 1936.

No início de 1941, os tios de Ruth, Heinz e Meta Arons, e os seus três filhos (Ernest, de 21 anos, Lilli, de 19 anos, e Eva, de 14) chegam a Portugal com um visto para os Estados Unidos da América concedido, em março de 1940, em Marselha, provavelmente pelo vice-cônsul americano Hiram Bigham IV, um dos *Justos entre as Nações* reconhecido pelo Yad Vashem, pela sua ação de salvamento relativamente aos judeus durante o período nazi, e no contexto da política de ajuda aos refugiados do Emergency Rescue Committee. Esta organização, que contava com o apoio de Eleanor Roosevelt (esposa do Presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt),

Ruth Arons

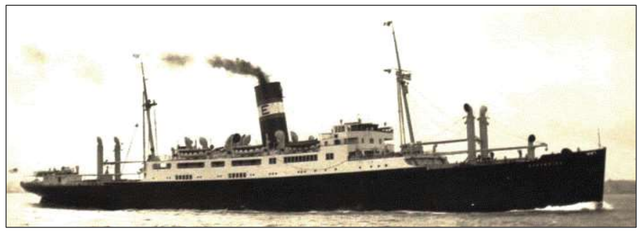
Berlim, 26-04-1922 | ---





Figuras 15 e 16. Lista de passageiros estrangeiros do navio S.S. Excambion e pormenor da lista relativo aos Arons, Lisboa - Nova Iorque, partida a 7 de fevereiro de 1941 (Fonte: www.ancestry.com).

Figura 17. Navio S.S. Excambion (Fonte: http://www.ssmaritime.com/).



pressionava o governo americano a ultrapassar as quotas de imigração estabelecidas pelo *Ato de Imigração* de 1924, de modo a ajudar os refugiados de guerra, principalmente aqueles que, pelos seus conhecimentos, pudessem ser uma mais-valia para os EUA. É neste âmbito que diversos intelectuais e artistas são salvos pela ação de Bigham e Varian Fry, nos terríveis meses subsequentes à invasão da França pelos nazis, e é provável que o médico Heinz Arons fosse também considerado alguém que podia dar um contributo ao país que o ia receber de braços abertos. Os meses passados em Marselha, antes da chegada a Portugal, terão sido necessários para conseguir o visto de trânsito para entrar em Portugal, em tempos de grandes restrições impostas por António de Oliveira Salazar à entrada dos judeus no nosso país. O visto terá sido concedido, possivelmente, pelo cônsul de Portugal em Marselha, José Augusto de Magalhães que, não tendo uma ação de desobediência como a de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, era também contra as restrições impostas pelas sucessivas circulares de Salazar relativamente aos judeus, face às misérias e perseguições que estes sofriam, tendo mesmo, em dezembro de 1940, pedido para ser substituído nas suas funções por lhe ser “penoso dizer a palavra não”. Ruth lembra-se que os tios terão passado cerca de duas semanas em Portugal, tendo-os visitado em Oeiras (aliás é a morada do irmão, Albert, que Heinz dá para inscrição no livro de registo de passageiros do navio que os levará até Nova Iorque). A 7 de fevereiro de 1941, Heinz, Meta e os filhos partem no S.S. Excambion e dez dias depois chegam a Ellis Island, o porto de Nova Iorque, recomeçando a sua vida, longe das agruras da guerra e longe do passado na Alemanha.

O contato com esta parte da família manteve-se durante vários anos, através de cartas, tendo Ruth visitado a tia e os primos (Heinz Arons já tinha falecido) mais tarde, em Nova Iorque.

Figura 18. Ruth Arons, inícios dos anos 40.

Se, quando chegou a Portugal, Ruth era demasiado nova para estar atenta às notícias da época e às conversas dos adultos, e assim acompanhar o que na Europa se ia passando, até porque as suas amigas da época nem sequer percebiam o que era isso do antissemitismo, e porque é que havia perseguições aos judeus, com o início da guerra a jovem começa a prestar mais atenção ao que vai acontecendo, bem como às piruetas estratégicas de Salazar, relativamente ao evoluir do conflito. Havia ainda o medo, em Lisboa, por parte dos refugiados de serem vítimas da Gestapo, que atuava também em Portugal, embora os Arons ainda nada soubessem sobre os crimes hediondos sobre os judeus que estavam a ser cometidos pelos nazis nos países ocupados.

Ruth Arons, 1936.

PORTUGAL

Passaporte n.º 30122/75

Nacionalidade: portuguesa

Figura 20. Passaporte português de Ruth Arons.

Figura 19. Ruth Arons, o marido Joaquim Barradas de Carvalho e os filhos Alberto e Manuel Arons de Carvalho.

Ao mesmo tempo, Ruth, que já aprendera a língua de Camões, inicia os seus estudos em Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se apaixona por Joaquim Barradas de Carvalho, com quem casará em 1945, e com quem partilhava os mesmos ideais políticos de esquerda. É através do casamento que adquire cidadania portuguesa. O seu pai, falecido em 1948, nunca conseguiu obter a nacionalidade, tendo a mãe e a irmã adquirido nos anos 50.

Em maio de 1945, chega também a notícia mais aguardada: a guerra havia terminado. “Foi uma festa”, testemunha Ruth Arons, recordando o final do Nazismo, anunciado na rádio. Depois começa a vida normal. Ruth torna-se correspondente de línguas estrangeiras na Petroquímica, apesar do sonho de ser bibliotecária, que não tem possibilidades de concretizar devido ao nascimento dos filhos. Na Petroquímica, trabalhava na área da tradução, da informação e documentação, bem como, na divulgação de conhecimentos de informação científica.

Nem uma década após o final da guerra tinha passado, Ruth Arons volta a Berlim. Com ela leva os filhos, mas não trouxe saudades. “Aquela cidade já não era a minha cidade”, sentia-se uma estrangeira.

Ao longo da sua vida, Ruth nunca se sentiu especialmente afetada pelo facto de ter abandonado o seu país natal, nem isso foi grande tema de conversa em família. No entanto, tem consciência da importância do seu testemunho para a memória histórica, daí ter aceitado falar sobre o seu passado em várias entrevistas, em várias escolas e ter contribuído para várias exposições como esta. A consciência da importância da participação cívica leva-a mesmo a ser a primeira Presidente da Junta de Freguesia de S. Mamede, em Lisboa, eleita após o 25 de abril de 1974, e talvez não seja por acaso, que um dos seus filhos, Alberto Arons de Carvalho, tenha sido deputado em várias legislaturas e Secretário de Estado da Comunicação Social, entre 1995 e 2002. Pelo seu exemplo de cidadania, pela sua história pessoal que atravessou um conturbado século XX, pela sua disponibilidade em partilhar de viva voz connosco as suas memórias, não podemos deixar de reconhecer que conhecer e dar a conhecer o testemunho de Ruth Arons foi, e através destas palavras e imagens continuará a ser, um dos marcos das nossas vidas.

Figura 21. Ruth Arons, 2013 (Fonte: http://www.dw.de/legado-judaico-quando-o-ex%C3%ADlio-se-torna-p%C3%A1tria/a-16516611/).

Ruth Arons

Berlim, 26-04-1922 | ---

Ruth Arons, 1936.

Autores.

Beatriz Serôdio e Filipe Oliveira, 9.º B. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Entrevistas realizadas a Ruth Arons nos dias 7, 14 e 21 de novembro de 2012.

Fotografias do arquivo pessoal da família Arons.

ETTNER, Diana. “Entrevista com Ruth Arons” *in TIKVÁ – Boletim Informativo da CIL*, n.º 56, 2005/2006.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/longa-e-triste-noite-dos-cristais-feridos.

http://www.dw.de/legado-judaico-quando-o-ex%C3%ADlio-se-torna-p%C3%A1tria/a-16516611.

Yvette Davidoff

Viena, 16-02-1921 | Lisboa, 21-06-2008

Yvette Davidoff, figura de referência da Comunidade Israelita de Lisboa (CIL), nasceu em Viena, na Áustria, em 16 de Fevereiro de 1921 e foi na capital austríaca que estudou e viveu até aos 16 anos, tendo aí acabado o Liceu e feito um curso de inglês de Oxford. Em 1937 ou 1938, devido à expansão das ideias anti-semitas na Áustria e à ameaça de invasão da Alemanha, Yvette, a mãe e um tio fugiram para Paris, com passaportes portugueses emitidos pelo Consulado de Portugal em Viena.

Yvette, ou Iva Davidofe na sua versão aportuguesada aquando da sua naturalização definitiva, era filha de Desidério Davidoff, natural de Istambul, descendente de emigrantes russos da Bessarábia, naturalizado português em 1921 e falecido em Berlim em 1923, quando Yvette tinha apenas 2 anos. A sua mãe, Rosina Hassan Davidoff, de nacionalidade turca, também era natural de Istambul (1898-1978, em Lisboa). Os Davidoff pertenceriam, pois, a um número indeterminado de súbditos judaicos do Império Otomano que receberam títulos provisórios de nacionalidade portuguesa a partir de 1913 por parte dos governos da I República por remotamente serem descendentes dos judeus expulsos de Portugal no séc. XV.

Em Paris, cidade onde o tio já se tinha instalado provisoriamente, Yvette tirou o curso de Secretariado. No entanto, a estadia seria curta. A 10 de junho de 1940, as tropas nazis entraram em Paris e mais uma vez os Davidoff tiveram de fugir. Yvette e a família apanharam o último Sud-Express que saía da gare de Austerlitz e que, devido à guerra, só seguia até Bordéus, depois de dois dias e duas noites na estação, até que o tio de Yvette conseguiu um lugar num compartimento. O comboio estava apinhado, de tal forma que "as pessoas amontoavam-se por todo o lado, até havia gente a viajar no tejadilho", recorda Yvette em entrevista concedida, em 2007, a Myriam Zaluar. Aquela viagem, entre Paris e Bordéus, durou três dias, sempre debaixo de um intenso bombardeamento.

Vom tiefsten Schmerze gebeugt, geben die Unterzeichneten allen Verwandten und teilnehmenden Freunden die Nachricht von dem plötzlichen Hinscheiden ihres innigstgeliebten, unvergeßlichen Vaters, bezw. Gatten, Sohnes, Bruders und Schwagers, des Herrn

Desider Davidoff

welcher nach kurzem schweren Leiden im 34. Lebensjahre in Berlin sanft verschieden ist.

Die Beerdigung findet Freitag den 2. März 1923, 1/2 11 Uhr vormittags, auf dem Zentralfriedhofe (israel. Abteilung, rechts Tor) statt.

Rosica Davidoff, als Gattin, **Ivette Davidoff**, als Tochter, **Mathilde David**, als Mutter, **Hugo** und **Ludwig David**, als Brüder, **Grete** und **Sam. Hassan**, als Schwäger, **Grete Tardy**, als Schwägerin.

Von Kondolenzbesuchen und Kranzspenden bitten wir abzusehen.

Figura 1. Obituário de Desidério Davidoff, no jornal vienense *Neue Freie Presse*, de 28 de fevereiro de 1923 (Fonte: http://www.ancestry.com/).

Figura 2. Distribuição de leite aos refugiados, em Pau, no sul de França, por uma organização de auxílio americana, agosto de 1940 (Fonte: http://www.ushmm.org/).

Quando chegaram a Bordéus, os Davidoff seguiram até Pau, cidade que ficava por trás da linha de demarcação da "France Libre". Os anos que passaram em Pau não foram vividos em grandes condições. Na verdade, Yvette sentia, como testemunha em entrevista concedida a Diana Ettner em 2004, que viveram esses anos "como verdadeiros refugiados", tendo tido os seus primeiros contatos com a Gestapo e com os prisioneiros dos campos de concentração, dado que perto de Pau existia um campo de internamento onde estavam milhares de pessoas - o campo de Gurs.

Figura 3. Campo de internamento de Gurs, França (Fonte: http://www.ushmm.org//).

"O clima por ali era terrível, com temperaturas muito frias no Inverno!", recorda Yvette. "Por causa disso, muitos prisioneiros eram mandados para o Hospital de Pau e muitas vezes chegavam com pernas e braços caídos por causa do gelo. Como homem muito

Yvette Davidoff, 1943.

generoso que era, o meu tio tentava arranjar tudo o que fosse possível no mercado negro, desde chocolates a cigarros. Depois, era eu quem os ia distribuir pelos prisioneiros que estavam no Hospital. A minha mãe também fez muito para ajudar as senhoras judias a dar à luz. Era uma mulher muito corajosa."

Em outubro de 1942, Rosina e Yvette receberam uma convocatória da polícia francesa para se apresentarem no campo de Gurs, o que felizmente não fizeram, pois era aí que se fazia a concentração e a triagem dos judeus a ser deportados para Auschwitz (campo de concentração na Polónia).

Não restou, pois, alternativa a Yvette e à mãe senão fugir de novo, desta feita através dos Pirenéus até Espanha e depois para Portugal mas sem os tios que, sendo turcos, não conseguiram os vistos necessários. As duas levavam consigo um cheque no valor de 2000 escudos, pelo que chegaram a Madrid apenas com esse valor no bolso. Sem saberem como pagariam a viagem entraram no comboio para Lisboa.

Durante o percurso, veio, então, o revisor que, naturalmente, lhes pediu os bilhetes. Nessa altura, Rosina mostrou-lhe o cheque e disse-lhe que ainda tinha o seu anel de brilhantes, com o que poderia pagar os bilhetes. O revisor, no entanto, disse para não lhe dar nada. Ele pagaria os bilhetes – de Rosina, de Yvette e do seu cão - e ainda disse-lhe para irem ao vagão-restaurante, que ele lhes pagaria o jantar. Deu-lhes apenas o nome e a morada para que depois a mãe de Yvette lhe restituísse o dinheiro quando pudesse. Este foi o primeiro contato de Yvette com um português, pelo que não é de espantar que declare mais tarde que, na situação em que os refugiados viviam, Portugal era, de facto, "um paraíso" que ela jamais deixou de amar.

Quando chegaram a Lisboa, Yvette e Rosina foram levadas para um hotel perto do café Nicola. No dia seguinte, pela manhã, quando foram ao Café Nicola, passou por elas um amigo do seu tio que também estava em Lisboa que, intuindo a fome que estas passavam, as leva a uma padaria, na Rua da Madalena, onde Yvette comeu imensas bolas de Berlim. O amigo do seu tio disse-lhes, então, que lhes ia arranjar uma pensão para ficarem, na Rua Braancamp. Depois mudaram-se para outra pensão, na Rua Castilho, onde ficaram durante dois anos. A Rua Castilho era, aliás, a rua dos refugiados.

Tendo de arranjar algum meio de subsistência económica para si e a sua mãe, Yvette começou por responder a alguns anúncios para professora particular de inglês, tendo acabado por ir dar aulas, a 10 escudos por hora. Entretanto, o amigo do seu tio conheceu o Professor Amzalak (então Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa) a quem falou de Yvette e da mãe, para ver se havia algum trabalho que pudessem fazer na CIL. O Professor Amzalak disse-lhe que iria falar com o Dr. Elias Baruel, Diretor da Secção de Assistência aos Refugiados, da CIL, mas a resposta foi que não havia qualquer vaga para elas, pois todos lá queriam trabalhar.

Figura 5. Elias Baruel, médico e vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa (CIL). Foi desde o início diretor da Secção de Assistência aos Refugiados (Fonte: MUCZNIK: 2012).

Figura 4. Refugiados nos cafés de Lisboa, 1940 (Fonte: http://aterrememportugal.blogspot.pt/).

No mesmo dia em que soube disto, Rosina apanhou zona e a mulher do amigo do seu tio disse-lhe que nessas alturas costumava chamar o Dr. Baruel. Yvette chamou-o, ele veio e tratou a sua mãe. Apercebendo-se que eram refugiadas judias, o Dr. Baruel acaba por dizer a Yvette que se apresentasse, no dia seguinte, na Rua do Monte Olivete, n.º 16, onde funcionava a Secção para os Refugiados da CIL, para ver se havia alguma coisa que ela pudesse fazer. A vaga disponível era a de porteiro! A mãe não a deixou aceitar aquela profissão, pelo que o Dr. Baruel perguntou a Yvette se esta falava alemão e como esta dominava a língua, acabou por ir trabalhar na receção e apoio aos refugiados. Muitos só falavam yidish (alemão antigo com algumas palavras de hebraico) e era de facto importante ter alguém que falasse alemão.

Yvette Davidoff

Viena, 16-02-1921 | Lisboa, 21-06-2008

Yvette Davidoff, 1943.

Yvette Davidoff trabalhou para a CIL, com enorme dedicação e competência, durante 44 anos, desde 13 de janeiro de 1943. Durante a guerra, tratou também da contabilidade da Joint (American Joint Distribution Committee) de Espanha e colaborou com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, procedendo à qualificação das pessoas como refugiados, tendo em vista a atribuição dos subsídios.

Yvette Davidoff

Viena, 16-02-1921 | Lisboa, 21-06-2008

Como a própria confessou: “foram tempos muito gratificantes!”. Eram catorze pessoas, todos muito amigos e Yvette acabou mesmo por conhecer muita gente célebre que precisou de ajuda, como por exemplo a Arquiduquesa da Áustria. No entanto, foram também tempos muito difíceis, pois na CIL trabalhavam doze horas por dia e, muitas vezes, durante a noite também, quando se realizavam os embarques, tendo Yvette chorado várias vezes, nas primeiras semanas, ao presenciar os dramas dos refugiados.

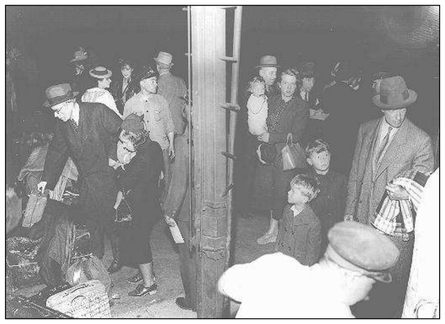


Figura 6. Refugiados judeus polacos à chegada a Lisboa, junho de 1940 (Fonte: http://www.ushmm.org/).

Figura 7. Pai e filha, refugiados, sentados na doca de Lisboa à espera do embarque (Fonte: MILGRAM: 2010).

Yvette Davidoff, 1943.

A assistência aos refugiados judeus por parte da CIL assegurava, em primeiro lugar, o seu sustento ou seja a alimentação e o alojamento, assim como os cuidados médicos. Como refere Esther Mucznik, a partir de 1942, a sede da CIL passou a funcionar na Rua do Monte Olivete e cada refugiado que se apresentava, na Comunidade, recebia uma mensalidade que lhe permitia cobrir as suas necessidades mínimas, que incluíam alimentação, vestuário e alojamento.

Para os que estavam em Lisboa e necessitavam de comer na Cozinha Económica, gerida pela Comunidade, eram-lhes distribuídas senhas de refeições. Esta situava-se na Travessa do Noronha e chegou a fornecer centenas de refeições diárias aos refugiados, entre os quais se encontrava, por vezes, um homem muito especial, “refugiado no seu próprio país”, vítima da injustiça de um regime que não lhe perdoou a desobediência, Aristides de Sousa Mendes (expulso da carreira diplomática por ter concedido milhares de vistos a judeus em Bordéus, em 1940, contra as ordens de António de Oliveira Salazar).

Também do ponto de vista médico, a Comunidade tinha acordos com diferentes médicos de medicina geral e especialistas, além do Hospital Israelita, também na Travessa do Noronha, onde lhes era prestada assistência médica e medicamentosa, além de cirúrgica. Quando era solicitada, a CIL fornecia igualmente assistência religiosa. Um outro tipo de assistência, fundamental, mas muito mais complexa, era a resolução de todo o tipo de problemas relacionados com as autoridades oficiais, nomeadamente com a PVDE. Os refugiados sentiam um grande medo da polícia política e a própria Yvette chegou a ser detida, embora por apenas doze horas, depois da sua casa ser revistada e aí terem encontrado uma revista francesa *Paris-Match*, na sequência de ter recebido uma carta pessoal de um português, preso por suspeita de estar ligado ao Partido Comunista Português.

Todos aqueles anos foram de um trabalho muito intenso e com alguns pormenores pouco conhecidos. Na entrevista concedida em 2004, Yvette recorda que tendo a Alemanha perdido a guerra no Norte de África, quis fazer a troca de

Figura 8. Partida de crianças refugiadas no Serpa Pinto, a 8 de junho de 1943. Yvette Davidoff, a primeira à esquerda (Fonte: MUCZNIK: 2012). **Figura 9.** Refugiados judeus na Cozinha Económica Israelita (Fonte: MILGRAM: 2010). **Figura 10.** Refugiados do campo de Bergen-Belsen acolhidos pela CIL na estação do Rossio, em Lisboa, onde chegaram num comboio-prisão, em julho de 1944 (Fonte: MUCZNIK: 2012).

prisioneiros em Portugal - os alemães tinham 320 judeus da Líbia e da Tunísia que tinham sido presos por Rommel na Guerra do Deserto, que seriam trocados em Portugal por alemães feitos prisioneiros de guerra pelos Aliados. Yvette presenciou, então, as condições em que se encontravam aqueles 320 prisioneiros judeus, que pareciam verdadeiros árabes vindos do campo de Bergen-Belsen. Chegaram sujos e cheios de piolhos. A CIL arrendou-lhes dois andares na Rua Castilho e combinou com os Armazéns do Chiado, para que, em troca de senhas, eles trouxessem o que quesissem. O esquema das senhas foi, aliás, o esquema adotado para quase tudo - médicos, farmácias, vestuário, tudo.

Outro episódio que Yvette recordava reportava-se a 1944, altura das grandes deportações levadas a cabo pelos alemães. Nessa altura, um cardeal de Lyon escondeu centenas de crianças judias cujos pais haviam sido deportados à sua frente. O Dr. Samuel Sequerra, delegado da Cruz Vermelha Portuguesa e Diretor da Joint para Espanha, juntamente com outras pessoas da CIL, freiras espanholas e portuguesas e a Cruz Vermelha americana, conseguiu tirar de lá as 220 crianças e trazê-las para Lisboa, com a ajuda do grande Buick que tinha. Órfãs, as crianças, no máximo com 14 anos, chegaram a Lisboa muito revoltadas. A CIL arrendou, então, uma moradia, por trás do Hotel Palácio, no Estoril, onde um casal de judeus franceses tomou conta deles, tendo ainda sido garantida ajuda psiquiátrica. Yvette recordava que demoraram quase dois anos a recuperar! Entretanto, a CIL arranjara um terreno na Ericeira, onde se praticava agricultura. As crianças foram levadas para lá até que a Joint encontrou-lhes famílias de acolhimento nos EUA. Uma dessas crianças acabou por visitar Yvette em Lisboa, passados alguns anos, com os seus próprios filhos.

Como referiu Yvette, "fizemos o que podíamos e o que não podíamos" e nos arquivos da CIL existem dezenas de cartas de refugiados, dirigidas ao Dr. Baruel e a Yvette Davidoff, em reconhecimento do apoio prestado. Esther Mucznik cita apenas uma, de 13 de Setembro de 1989, escrita por John Paul Abranches, filho de Aristides de Sousa Mendes e que com ele partilhou e presenciou não apenas a decisão do pai de dar os vistos, mas também todas as terríveis consequências que se seguiram aquela decisão. Diz a carta, dirigida a Yvette Davidoff: "(...) Gostava de lhe tornar a dizer que a assistência prestada por si e pelo Comité Judaico em Lisboa, aos meus pais e a outros membros da nossa família foi muito apreciada. As nossas circunstâncias eram muito difíceis, e a Comunidade Judaica Portuguesa foi a única que se preocupou. Obrigado pela vossa ajuda constante ao longo desses anos difíceis. Se, alguma vez, alguém ousar dizer, 'Porque

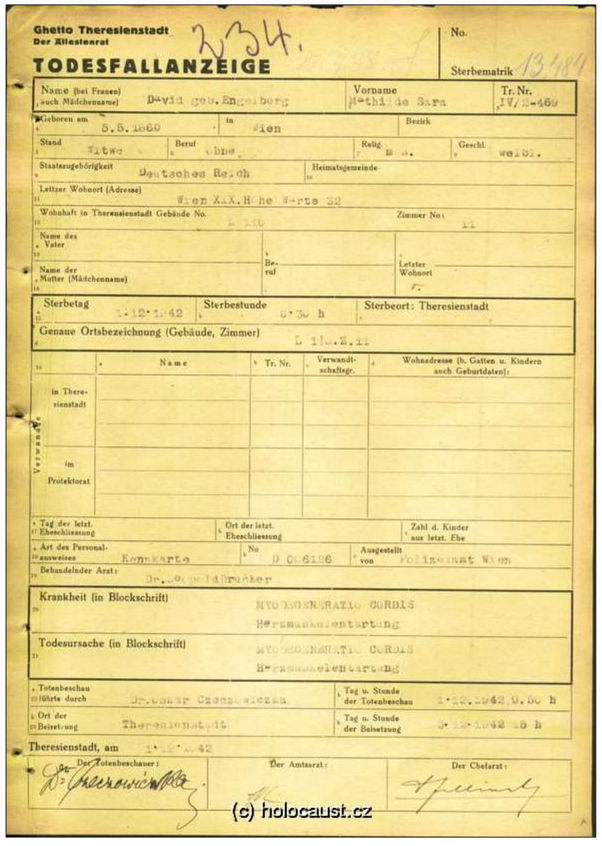

Ghetto Theresienstadt
Der Ältestenrat
TODESFALLANZEIGE
No.
Sterbematrik
Name (bei Frauen auch Mädchenname): David geb. Engelberg
Vorname: Mathilde Sara
Tr.Nr.
Geboren am: 5.5.1869 in: Wien
Bezirk
Stand: Witwe
Beruf: ohne
Relig.
Geschl.: weibl.
Staatsangehörigkeit: Deutsches Reich
Heimatgemeinde
Letzter Wohnort (Adresse): Wien XX.Hohe Warte 32
Wohnhaft in Theresienstadt Gebäude No.
Zimmer No.:
Name des Vater
Name der Mutter (Mädchenname)
Beruf
Letzter Wohnort
Sterbetag: 1.12.1942
Sterbestunde: 0.30 h
Sterbeort: Theresienstadt
Genaue Ortsbezeichnung (Gebäude, Zimmer): L 1Ie.Z.11
Name
Tr. Nr.
Verwandtschaftsgr.
Wohnadresse (b. Gatten u. Kindern auch Geburtsdaten):
in Theresienstadt
im Protektorat
Tag der letzt. Eheschliessung
Ort der letzt. Eheschliessung
Zahl d. Kinder aus letzt. Ehe
Art des Personalausweises: Kennkarte
No.: D 06186
Ausgestellt von: Polizeipräsidium Wien
Behandelnder Arzt: Dr. Oswald Drucker
Krankheit (in Blockschrift): MYOCARDSENSRATIO CORDIS Herzmuskelentartung
Todesursache (in Blockschrift): MYOCARDSENSRATIO CORDIS Herzmuskelentartung
Totenbeschau führte durch: Dr. Oskar Chaczkiewicz
Tag u. Stunde der Totenbeschau: 1.12.1942, 0.30 h
Ort der Beisetzung: Theresienstadt
Tag u. Stunde der Beisetzung: 3.12.1942 15 h
Theresienstadt, am 1.12.1942
Der Totenbeschauer:
Der Amtsarzt:
Der Chefarzt:
(c) holocaust.cz

Figura 11. Certidão de óbito do Campo de Concentração de Theresienstadt referente a Mathilde David, avó de Yvette Davidoff (Fonte: http://www.holocaust.cz/).

Yvette Davidoff

Viena, 16-02-1921 | Lisboa, 21-06-2008

Yvette Davidoff, 1943.

razão os judeus não ajudaram?', por favor, não hesite em deixá-los ler estas minhas palavras.(...)."

Em 1945, Yvette recebe péssimas notícias. O tio que as acompanhara no exílio em França falecera, com um enfarte, quando a Gestapo se preparava para entrar em sua casa, apenas a 16 dias do fim da guerra. Tem também conhecimento que a avó Mathilde David (Mazaltob), que permanecera em Viena pensando que não seria molestada por ser idosa (tinha 102 anos quando foi deportada em 28 de junho de 1942, no transporte 29 de Viena para Terezin), acabou por morrer no campo de

Theresienstadt, a 1 de dezembro de 1942. Destino idêntico partilhado por mais onze familiares de Yvette.

Yvette Davidoff, para além do contacto com os refugiados, lidava com as organizações humanitárias que providenciavam fundos e apoio logístico, tais como a Cruz Vermelha Portuguesa, a American Joint Distribution Committee, Hicem, etc., e foi um precioso e direto apoio ao dia-a-dia do Vice-presidente da Comunidade e responsável pela Comissão de Refugiados, o médico Dr. Elias Baruel até ao seu falecimento em 1973. Dava também o seu apoio ao Presidente, Prof. Dr. Amzalak (falecido em 1978) e mais tarde ao Presidente que se lhe seguiu Dr. Joshua B. Ruah. Durante todos os anos de trabalho na CIL, conheceu pessoas como Simon Wiesenthal (conhecido por ter organizado a "caça" aos criminosos nazis depois da guerra), Shimon Peres (atual Presidente de Israel) e Golda Meir (quando Ministra dos Negócios Estrangeiros de Israel).

A partir de 1957, após o fim da atuação da CIL e das restantes organizações no apoio aos refugiados, Yvette é nomeada Secretária Geral da CIL, tendo começado a trabalhar a troco de um ordenado de 7 contos por mês. Entretanto, ficou também acordado que arrendaria uma casa propriedade da CIL, por 1110 escudos por mês, quantia que não poderia ser alterada até ao resto da sua vida.

Yvette trabalhou na CIL até 1988. Nos últimos anos da sua vida, já muito doente, mas sempre muito lúcida, conseguiu receber parte da venda de um imóvel de Berlim que pertencera ao seu pai e fora confiscado pelos nazis. Com esse dinheiro Yvette foi muita generosa e ofereceu um donativo muito importante à Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos, em memória de Isabel Maria Levy (esposa do Dr. Samuel Levy, amigo de Yvette Davidoff e que gentilmente colaborou connosco na reconstituição desta história de vida) e que se destinou a conceder dezenas de bolsas de formação e investigação, em cuidados paliativos. Finalmente com os restantes fundos fez um legado à Comunidade que serviu durante a sua vida.

Yvette Davidoff faleceu em 21 de junho de 2008.

Figura 12. Yvette Davidoff numa noite de fados, anos 60.

Figuras 13 e 14. Yvette Davidoff com elementos da família Baruel.

Figura 15. Clara Baruel Zagury, Yvette Davidoff e Helena Baruel Kopejk, junho de 2007.

Yvette Davidoff

Viena, 16-02-1921 | Lisboa, 21-06-2008

Yvette Davidoff, 1943.

Autores.

Andresa Silva, Igor Nunes, Inês Costa e Inês Pereira, 9.º F. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Samuel Levy recolhidos por correio eletrónico entre março e maio de 2013.

ETTNER, Diana. "Entrevista com Iva Davidoff" *in TIKVÁ – Boletim Informativo da CIL*, n.º 45, maio de 2004.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. "O papel da Comunidade Israelita de Lisboa no apoio aos refugiados durante a 2.ª Guerra" in *Revista de Estudos Judaicos*, n.º 5, novembro de 2001.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/sud-express-um-comboio-chamado-liberdade?nPagina=1

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Figura 1. Heins Herbert e Aldred Feist.

Figura 2. Rosel e Aldred Feist.

Figura 3. Kölner Straße cerca de 1900, na esquerda por trás do carro: o edifício residencial e da empresa da família Feist, à direita a residência do Burgomestre (Presidente da Câmara) de Solingen (Fonte: Stadtarchiv Solingen).

Heinz Herbert Feist (Henrique Feist após a naturalização portuguesa) nasceu em Solingen, na Alemanha, a 16 de março de 1906. Filho único de família judia, a sua história foi-nos contada pela sua filha Renata Feist, professora de História aposentada.

Os pais de Heinz Herbert tinham numerosos irmãos, sendo a mãe, Rosel Feist, a décima quarta e última filha de uma família de negociantes de vinho, em Würtzburg. O pai, Alfred Feist, foi o terceiro de oito filhos do segundo casamento de Joseph Feist, que vivia em Solingen desde os inícios dos anos 50 do séc. XIX.

Figura 4. Fábrica Ómega, em Solingen.

Figura 5. Publicidade aos produtos de cutelaria da Fábrica Ómega (Fonte: sharperdeal.biz).

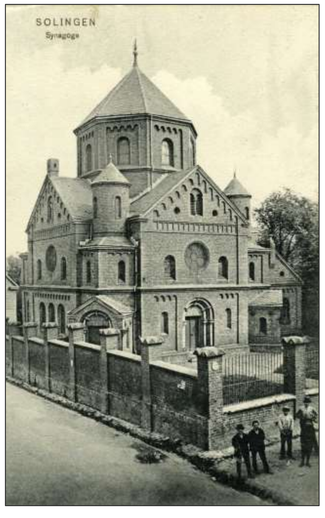
Como qualquer família alemã, os Feist eram leais súbditos do Kaiser, pelo que antes da I Guerra Mundial, Heinz Herbert participava, com os seus amigos, nos recitais da Escola no dia de aniversário do Imperador.

Eram tempos em que os homens não se podiam casar sem previamente ajudar a ganhar dinheiro para os dotes das irmãs. Assim, o avô de Heinz Herbert, Joseph Feist, fundou uma fábrica de cutelaria em Solingen, a Fábrica Omega, da qual este e dois dos seus irmãos (Julius e Siegfried) eram co-proprietários. A Fábrica Ómega situava-se na Kölner Straβe, onde Rosel e Alfred residiam. A família Feist era ainda proprietária de outra empresa, a Luna-Werk (na mesma cidade e do mesmo ramo), estando perfeitamente integrada na vida comunitária secular de Solingen. Siegfried Feist era, desde 1919, o líder da comunidade judaica em Solingen e Rosel a principal dirigente da organização feminina judaica da cidade.

Figura 6. Heinz Herbert Feist.

Heinz Herbert frequentou o Gymnasium und Realschule zu Solingen (o liceu de Solingen) e efetuou formação técnica no estrangeiro, tendo-se posteriormente tornado funcionário da empresa do avô na área comercial. Nesse âmbito, eram frequentes as suas visitas a Portugal para vender os produtos da fábrica.

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.



Em Solingen, como no resto da Alemanha dos anos vinte, a vida de um judeu era semelhante à de qualquer não judeu. Eram alemães, como os outros. Os Feist eram extremamente liberais em termos religiosos ainda que frequentassem a Sinagoga e respeitassem o Shabbat (dia de descanso semanal no Judaísmo).

Figura 7. Primeira Sinagoga de Solingen (1788-1872) (Fonte: Stadtarchiv Solingen).

Figura 8. Segunda Sinagoga de Solingen (1872-1938) (Fonte: Stadtarchiv Solingen).

AE Agrupamento de Escolas de Vilela · N.O.M.E.S. · FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Os judeus participaram como soldados na Primeira Guerra Mundial e embora Alfred Feist não tenha combatido ofereceu uma corrente de ouro do seu relógio ao Estado alemão, como tantos outros patriotas, para o "esforço de guerra". Em troca, recebeu uma corrente em ferro, com uma inscrição gravada – "1916. Gold zur Wehr, Eisen zur Ehr" ("1916. Ouro dei para a defesa, Ferro [recebi] para a honra"), corrente essa que Renata levava para as aulas quando lecionava a temática da I Guerra Mundial. Durante a guerra as crianças Feist, entre elas Heinz Herbert, cavavam trincheiras e abrigos no quintal e brincavam às guerras, apregoando que "Gott strafe England" ("Deus castigue a Inglaterra") ou iam ao campo apanhar batatas para o "esforço de guerra". Depois de esta terminar e perante a presença militar escocesa em Solingen, o jovem Feist chegou mesmo a posar, em tom de brincadeira, usando uma farda escocesa.

No entanto, e ironia do destino, de patriotas os Feist passaram a ser proscritos, como todos os judeus, durante o Nacional-socialismo. Na década de 30, a vida dos judeus começou a ser cada vez mais difícil, devido às sucessivas leis antissemitas que o regime nazi ia aplicando.

Figura 9. Heinz Herbert Feist com a farda escocesa, c. de 1919.

Foi numa das visitas regulares que fazia duas vezes por ano a Portugal, enquanto agente comercial da Fábrica Ómega, que Heinz Herbert conheceu Maria Matilde Urban Allegro del-Negro, nascida a 30 de janeiro de 1908, em Lisboa (Campo de Ourique) mas de origem francesa por parte da mãe e italiana da parte do pai. Este era descendente de uma família de negociantes de vidros e cristais de Murano, estabelecidos na Rua Nova do Almada desde os finais do séc. XVIII. Será esta ascendência multicultural que fará de Maria Matilde uma jovem avançada em relação aos costumes da época, de tal maneira que era em si habitual andar sozinha na rua quando se dirigia para a escola.

Maria Matilde estudou em Lisboa e fez o curso quase completo de canto e piano do Conservatório.

No dia 1 de março de 1930, quando se encontraram pela primeira vez num baile de Carnaval do Clube Alemão de Lisboa, Heinz Herbert tinha vinte e três anos e Maria Matilde vinte e dois. Era a primeira vez que Maria Matilde ia ao Clube Alemão com as amigas.

Figura 10. Maria Matilde del-Negro, Cascais, início dos anos 30.
Figura 11. Heinz Herbert Feist, início dos anos 30.

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Nos anos 30, os jovens das classes médias e altas de Lisboa encontravam-se nos clubes para dançar e conviver e o Clube Alemão, fundado em 1870 e restabelecido na Rua do Passadiço, n.º 86, após um período de encerramento durante e após a I Guerra Mundial, era o local ideal para os jovens da comunidade alemã residentes em Portugal confraternizarem entre si e com os jovens portugueses.

Maria Matilde e as amigas estavam bem arranjadas. O seu vestido era de produção própria pois, para além de gostar de costurar, tal ficava mais económico. O cabelo levava-o preso com uma fita larga com um laço.

Era costume da época que as meninas não deviam dançar senão com cavalheiros a quem já tivessem sido apresentadas. Tal constituía um problema para as jovens portuguesas que ali não conheciam ninguém. No entanto, a adversidade logo foi ultrapassada com o pragmatismo alemão: no início do baile o "mestre de cerimónias" declarou que estavam todos apresentados e que portanto podiam dançar uns com os outros. E assim foi: Heinz Herbert foi convidar Maria Matilde para dançar e não a largou o resto da noite.

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Fosse por acaso ou por manha (de um ou de outro, consoante a versão), a filha Renata Feist relata que naquela noite a malinha da menina ficou esquecida ao pé de Heinz. Este apoderou-se dela e, no dia seguinte, apresentou-se em casa de Matilde, na Rua Tomás da Anunciação, Campo de Ourique. Como é que Heinz Herbert, hospedado numa Pensão da Avenida da Liberdade, obteve a informação da morada da jovem del-Negro? É um mistério que continua por resolver.

Mas voltando à devolução da malinha: esta foi um pretexto para se iniciarem as visitas e as conversas num português ainda muito frágil, visto que Maria Matilde também não sabia alemão. Iniciou-se assim um relacionamento, durante o qual Heinz Herbert visitava profissional e sentimentalmente Lisboa (entre viagens à Alemanha e à Suécia onde Heinz também tinha a responsabilidade de vender os produtos da Ómega), sem que houvesse um compromisso assumido. Heinz chegou mesmo a dizer a Matilde: “Nós somos só amigos… A Minina não se prenda comigo”.

Esta situação durou até 1934 sem que Heinz modificasse a sua postura, embora demonstrando ciúmes quando sentia a possibilidade de uma terceira pessoa. Entretanto Pedro e Nancy del-Negro foram a Solingen para conhecer Rosel e Alfred Feist (os pais de Heinz), mas sempre sem que qualquer compromisso fosse assumido. Até que um dia Maria Matilde começou a sentir-se adoentada e o pai, apercebendo-se do estado da filha, perguntou-lhe o que se passava. Esta abriu o seu coração e disse-lhe que se sentia presa a uma pessoa que, no fundo, não lhe era nada. O pai, ao ouvir aquilo, aconselhou-a a desligar-se daquele relacionamento ou, pelo menos, da exclusividade da relação. E Matilde assim fez: “Continuamos amigos, mas eu danço com quem eu bem quero e relaciono-me à vontade com outros rapazes”, disse ela a Heinz. Perante esta declaração, Heinz ficou preocupado e com grande custo, porque não gostava de tomar decisões importantes, finalmente sugeriu que se casassem.

Todos ficaram aliviados e o casamento foi marcado para dali a três semanas.

Nas semanas seguintes houve muita agitação, sobretudo da parte da noiva pois quando se casassem ela iria viver para Solingen, onde o futuro marido trabalhava. Maria Matilde frequentou aulas de alemão e, no mês de Agosto de 1934, fez uma despedida de solteira, em sua casa em Campo de Ourique, com algumas das suas amigas que estavam em Lisboa.

Figura 12. Almoço em casa de Maria Matilde antes do casamento, agosto de 1934.

Figura 13. Despedida de solteira de Maria Matilde com as amigas, em agosto de 1934.

REGISTO CIVIL DA REPUBLICA PORTUGUESA

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Figura 14. Maria Matilde no dia de casamento, 23 de agosto de 1934.

Figura 15. Maria Matilde e Heinz Herbert já casados, agosto de 1934.

Figura 16. Certidão de casamento de Maria Matilde e Heinz Herbert,1934.

O casamento realizou-se exclusivamente pelo registo civil e ocorreu a 23 de agosto. Heinz Herbert batizou-se a 31 de dezembro desse mesmo ano, na paróquia de Santo Condestável, em Lisboa (Heinz Herbert e Matilde efetuarão casamento católico em junho de 1940). Entretanto, na Alemanha, agravavam-se as medidas de segregação social relativamente aos judeus, pelo que Heinz, agora casado com uma católica, tentava mediante este batismo diminuir potenciais problemas (mesmo nunca podendo em definitivo renegar a sua religião, porque o filho de uma judia nunca deixa de ser judeu).

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

O jantar de casamento realizou-se no Restaurante Tavares Rico, com a participação de poucas pessoas, pois muitos estavam em férias. Os noivos embarcaram até um porto do norte da Europa (provavelmente Roterdão) onde os esperavam os pais de Heinz. Após chegarem à Alemanha foram celebrar para Solingen, noutro jantar, a união do casal e o acolhimento de Maria Matilde no seio de uma família alemã e judia. Nesse jantar, estiveram presentes todos os “Onkel e Tante” (tios e tias) e o discurso do “Opa” (avô) sobreviveu até aos nossos dias.

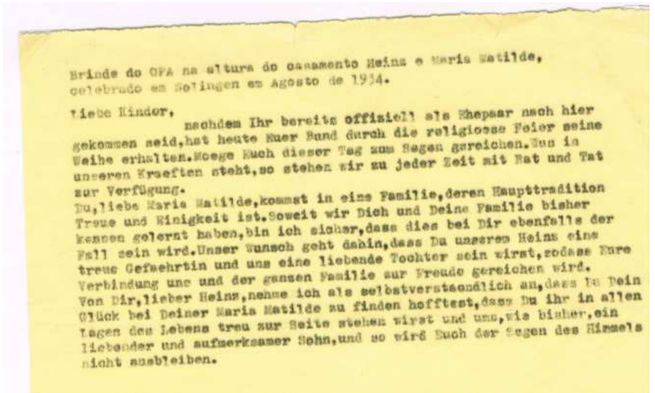
Figuras 17 e 18. Partida para a Alemanha, 1934.

Figura 19. Jantar de celebração e acolhimento do jovem casal pela família Feist, em Solingen, 1934.

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Heinz Herbert e Maria Matilde ficaram a viver no andar de cima da casa de Solingen, na Kölner Straβe, mesmo ao lado da Fábrica Ómega, onde Alfred cumpria pontualmente a sua rotina diária de casa-trabalho. Alfred Feist convivia com várias pessoas da cidade, nomeadamente o Burgomestre, com quem jogava xadrez uma vez por semana. O casal luso-alemão estava confortavelmente instalado e enquanto Heinz realizava regularmente as suas viagens de negócios, Maria Matilde participava numa intensa vida social a que Rosel a submetia mas da qual por vezes preferiria abster-se. Face à continuidade daquela situação, acabou por falar com o marido sobre o assunto. Este disse-lhe para impor a sua vontade quando não lhe apetecesse sair.

Entretanto o tempo foi passando e a pressão sobre os judeus aumentava cada vez mais. Agora quando os viam, muitos conhecidos atravessavam a rua para não os cumprimentar, nos restaurantes não eram servidos e não podiam frequentar a piscina, entre outras limitações e humilhações. Maria Matilde estava cada vez mais revoltada, pois vinha de um país livre (pelo menos nos atos do quotidiano), pelo que não se conformava com aquela situação.



Brinde do OPA na altura do casamento Heinz e Maria Matilde,
celebrado em Solingen em Agosto de 1934.

Liebe Kinder,

nachdem Ihr bereits offiziell als Ehepaar nach hier
gekommen seid,hat heute Euer Bund durch die religiöse Feier seine
Weihe erhalten.Möge Euch dieser Tag zum Segen gereichen.Nun in
unseren Kreeften steht,so stehen wir zu jeder Zeit mit Rat und Tat
zur Verfügung.
Du,liebe Maria Matilde,kommst in eine Familie,deren Haupttradition
Treue und Einigkeit ist.Soweit wir Dich und Deine Familie bisher
kennen gelernt haben,bin ich sicher,dass dies bei Dir ebenfalls der
Fall sein wird.Unser Wunsch geht dahin,dass Du unserem Heinz eine
treue Gefährtin und uns eine liebende Tochter sein wirst,sodass Eure
Verbindung uns und der ganzen Familie zur Freude gereichen wird.
Von Dir,lieber Heinz,nehme ich als selbstverständlich an,dass Du Dein
Glück bei Deiner Maria Matilde zu finden hofftest,dass Du ihr in allen
Lagen des Lebens treu zur Seite stehen wirst und uns,wie bisher,ein
liebender und aufmerksamer Sohn,und so wird Euch der Segen des Himmels
nicht ausbleiben.

«Querido jovem casal, queridos parentes.

Unidos para a eternidade através da lei e da religião chegaram, queridos jovens, à vossa nova casa e pátria.

O dia a dia, que até agora percorrestes, não vos irá pertencer para sempre.

Saltando por cima da terra e do mar, de fronteiras de países e de nações, línguas e religiões, o destino ultrapassou todas as dificuldades, unindo-vos para sempre.

Como Elieser, fiel guarda da casa de Abraão, quando foi buscar a mulher para o filho do seu senhor a um país distante, assim tu, querido Heinz, pensaste e disseste: “não me detenhais porque o senhor abençoou a minha viagem.” Estas palavras devem permanecer verdadeiras, tanto hoje como no futuro.

A ti, querida Maria Matilde, não precisamos de enumerar, segundo as prescrições correspondentes à nossa religião, quais as pesadas obrigações que irão recair sobre ti, quando tu te tornares uma judia alemã.

Consciente e instruída através das circunstâncias do tempo, assumiste, em amorosa fidelidade, tornares-te numa boa mulher judia.

Como Ruth uma vez disse à sua sogra, assim tu falaste ao eleito do teu coração: “para onde tu fores eu irei também. O teu povo é o meu povo. O teu Deus é o meu e só a morte nos separará.”

Assim que a vossa fidelidade seja recompensada por um futuro feliz, no qual, em conjunto e para cada um, trabalhareis e construireis, para que a palavra do escritor se torne verdade: “o destino duma vontade honrosa não quebra, como quebram as ondas nas rochas, na fé firme dum casal fiel.”

A bênção dos pais que cai sobre os filhos e os parabéns do coração de todos os presentes estarão sempre convosco e em todos os dias do vosso matrimónio.

Juntamos tudo o que nós desejamos e esperamos, com o brinde ao nosso querido jovem casal, que eles vivam longamente.

Hip, hip hurrah!»

Figuras 20 e 21. Discurso de Alfred Feist no jantar de receção ao jovem casal Feist, em Solingen, agosto de 1934.

Figura 22. Maria Matilde Feist e o primeiro filho, Pedro, 1936.

Assim, Heinz Herbert e Maria Matilde resolveram que o primeiro filho, Pedro, iria nascer em Portugal (o que aconteceu em março de 1936).

Mudam-se para Lisboa, para a Rua Almeida e Sousa, em Campo de Ourique. A 14 de abril do mesmo ano Heinz Herbert naturaliza-se português e passa a chamar-se Henrique. Em maio de 1938 nasce a segunda filha, Renata.

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Até um mês antes do início da guerra, a 1 de setembro de 1939, Henrique continuou a viajar até Solingen, correndo grandes perigos. Nessa última viagem, os antigos empregados deram-lhe uma quantia considerável em dinheiro relativa a lucros da fábrica. No entanto, Henrique e Maria Matilde (que também tinha ido) tiveram de gastar tudo em dois dias pois não se podia sair da Alemanha com marcos. As lojas já não tinham quase nada, pelo que tiveram de comprar, à pressa, alguns artigos de luxo.

De novo em Portugal, mudam entretanto para uma bela moradia na Rua Tenente Ferreira Durão, também em Campo de Ourique. Esta moradia, com cave e sótão, tinha quatro pisos, o que se tornará providencial perante o que estava prestes a acontecer.

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, na sequência do assassinato em Paris de um diplomata alemão (Ernst von Rath) por um jovem judeu cuja família tinha sido expulsa da Alemanha, ocorre o massacre que ficou conhecido como a “Noite de Cristal” (Kristalnacht). Por toda a Alemanha e Áustria foram completamente destruídas 76 sinagogas e incendiadas 1919, queimados 11 centros comunitários e destruídas, parcial ou totalmente, 7500 lojas judaicas. Cerca de uma centena de judeus foram assassinados e mais 26 000 foram presos, só na Alemanha. Para forçar a “emigração” dos judeus da Alemanha, na sequência da “Noite de Cristal”, foram ainda postas em prática outras medidas: os judeus deixaram de poder ser proprietários de terrenos, edifícios e outros bens; deixaram de ter acesso à assistência social bem como ficaram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou universidades. Para cúmulo, foram ainda obrigados a pagar os próprios danos sofridos bem como uma multa pelo assassinato de von Rath e se quisessem sair da Alemanha tinham ainda de contribuir com 0,5% a 10% do valor das suas posses e pagar um “imposto de fuga”.

A “Noite de Cristal”, durante a qual a bela Sinagoga de Solingen de 1872 foi incendiada, afetou profundamente os pais de Henrique, como a tantos outros judeus: a sua casa foi invadida, vandalizada e muitos objetos destruídos, Alfred esteve preso durante uma noite e a situação só não degenerou ainda mais devido às suas boas relações com o Burgomestre. Henrique estava na Suécia e quando soube o que se passava, tratou de trazer os pais da Alemanha para Portugal. Alfred e Rosel saíram da Alemanha a 31 de janeiro de 1939, com apenas 10 marcos, e foram forçados a entregar a Fábrica Omega a dois empregados, como se se tivesse consumado uma “venda” – aquela foi arianizada. O passaporte de Alfred ainda existe e nele pode constatar-se o nome riscado e substituído por “Israel”, nome com que os nazis “batizaram” todos os homens judeus, e o grande “J” impresso, símbolo da discriminação e da perda da identidade alemã.

Figura 23. Passaporte de Alfred Feist, com o J de Judeu e o nome “Israel” dado a todos os homens judeus pelos nazis, 1939.

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Figura 24. Erna Rüppel, prima de Heinz Herbert.

Menos afortunada foi a prima de Heinz Herbert, Erna Rüppel, filha de Henriette Feist, irmã de Alfred Feist. Médica pediatra, casada com o também médico Hans Rüppel, sofreu na pele todo o tipo de perseguições perpetradas pelos nazis: os boicotes para que os seus doentes não a consultassem logo no dia 1 de abril de 1933; a perda da sua clínica para que terminasse o boicote à clínica do marido, não judeu; a vandalização da sua casa em 1935, após as *Leis de Nuremberga*, com as inscrições “Jude” (judeu); a destruição do interior da casa de família na sequência da “Noite de Cristal”; a decisão de se divorciar do marido para evitar maiores danos a este; o refúgio num abrigo para judeus em Colónia até 1942, altura em que é enviada com a mãe e a irmã Grete para o Campo de Müngersdorf; a fuga deste campo para

uma vida na clandestinidade (em circunstâncias não totalmente determinadas por existirem diversas versões do facto), como Anna Markus, desde junho de 1942, escapando por poucos dias à deportação para o campo de Theresienstadt, como aconteceu com a sua mãe e a irmã, que acabaram por morrer nem dois meses após a chegada ao campo. Foi uma vida na clandestinidade mas sempre ajudando os outros, mesmo com o risco da própria vida, como quando trabalhou no Hospital da Cruz Vermelha em Munique, entre 1943 e 1945.

Henrique ajudou vários refugiados a virem para Portugal e para os Estados Unidos. Nos anos da guerra, a casa do jovem casal Feist albergava frequentemente, para além da família, muitos estrangeiros, sobretudo refugiados alemães, em trânsito para os EUA. Renata recorda-se de uma família Lemster que emigrou para Israel quando o país foi criado. Uma das formas que Henrique usou para ajudar os refugiados foi receber o dinheiro destes numa conta bancária em Portugal, para que posteriormente o pudessem recuperar.

Um dia apareceu-lhes à porta Julius Feist, tio de Henrique, muito magro pois tinha estado num campo de internamento do regime franquista, para emigrantes, nos Pirenéus. Esteve um ano a recuperar antes de partir para os EUA, em 23 de novembro de 1940, no navio Nyassa que chegou ao porto de Nova Iorque, no dia 4 de dezembro do mesmo ano.

Rosel, mãe de Henrique, adaptou-se bem à vida em Portugal. O mesmo não sucedeu com Alfred, entristecido com a reviravolta da sua vida. Até à sua morte, em 1953, foi ficando cada vez mais doente e imobilizado devido à doença de Parkinson até que era preciso permanentemente uma pessoa para ajudar Rosel a cuidar dele. Rosel tinha um círculo de amigos que a visitava regularmente. Depois da morte do marido, intensificou-se o convívio, encontrando-se semanalmente com as suas amigas, num determinado café ou pastelaria.

Em 1944, Maria Matilde e Henrique tiveram os gémeos Luís e Jorge. A guerra entrava nos seus últimos meses e a família Feist crescia.

Figura 25. Heinz Herbert (Henrique) e Matilde Feist.

Enquanto Maria Matilde continuava na sua situação de dona de casa e mãe (como era habitual nas mulheres do seu estrato social), Henrique, assim que veio viver para Portugal, começou a trabalhar como vendedor na empresa de limas União Tomé Feteira. Mais tarde fundou, com um sócio do Porto, uma firma de importação de brinquedos, a Chaves e Feist (que atualmente tem continuidade na Concentra criada em 1966). Entretanto, a família mudou de casa para uma grande moradia no Restelo, cujo interior foi desenhado por Maria Matilde que tinha trazido da Alemanha novas ideias de divisão interior do espaço da casa. Com o passar dos anos e o casamento dos filhos, o casal decide vender o casarão e comprar um amplo andar.

Henrique continuou a trabalhar até ao fim da sua vida, com 88 anos. Apercebendo-se que a morte o poderia surpreender a qualquer momento, coloca-se-lhe o problema do destino final do seu corpo. Queria uma sepultura que nunca mais fosse mexida.

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Acabou por encontrar o que pretendia no Cemitério Israelita de Lisboa, comprando lá um lugar. Restava o seu grande amor, Maria Matilde. Esta não poderia ser sepultada ao seu lado por não ter nascido judia, mas aqui começou um novo capítulo do romance. Henrique e Matilde fizeram um pedido às autoridades religiosas, invocando todo o seu passado, nomeadamente os acontecimentos que ela tinha vivido na Alemanha nazi. Os rabinos de Lisboa, de Belmonte e de Jerusalém estudaram o assunto e ao fim de um ano chegou a resposta positiva.

Muito emocionado, Henrique transmitiu a notícia a Maria Matilde no elevador da sua casa. Quinze dias depois, a 16 de maio de 1994, Henrique Feist falecia.

Poucos dias depois, Maria Matilde recebeu um contato da Sinagoga de Lisboa para iniciar a sua conversão ao judaísmo. Acompanhada pela filha, foi à Sinagoga Shaaré Tikvá onde fez o banho ritual judaico de purificação (Mikvé). Seguiu-se o interrogatório pelos rabinos. À pergunta: “ Tem bem consciência do que está a fazer?”, a sua filha testemunha que se fez um silêncio, em que se percebia que a mãe refletia na resposta a dar e disse: “Senhor rabino, Deus é só um.” Perante tal resposta, estes sentiram-se satisfeitos. Porém, Matilde segredou à filha: “Continuo a ter a minha Nossa Senhora de Fátima à cabeceira”.

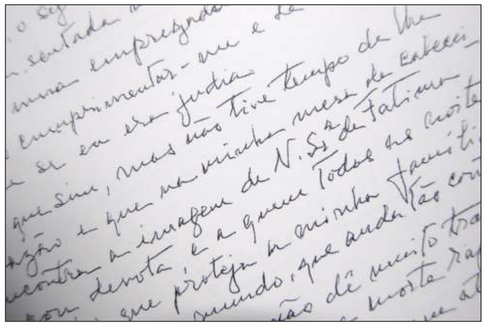


Figura 26. Testemunho escrito de Maria Matilde Feist sobre a sua história de vida.

Figura 27. Heinz Herbert (Henrique) e Maria Matilde, Lisboa, 1993.

Figuras 28 e 29. Túmulos de Heinz Herbert (Henrique) e Maria Matilde Feist, no Cemitério Israelita de Lisboa, 2013.

Maria Matilde faleceu no dia 4 de maio de 2003 e de acordo com o seu desejo foi sepultada ao lado de Henrique, no Cemitério Judaico de Lisboa. No seu túmulo pode ler-se a inscrição que a todos deixou por testemunho: «Judia por amor».

Atendendo aos tempos muito sombrios, a história dos Feist é apesar de tudo de certa forma feliz. Quase todos os familiares mais próximos de Heinz Herbert (Henrique) conseguiram escapar ao Holocausto, em alguns casos devido ao seu amor português. No entanto, desapareceu toda uma vida familiar de gerações, construída e consolidada em solo alemão. A Fábrica Ómega é agora um edifício abandonado em vias de ser demolido, depois de ter laborado até há poucos anos atrás, e apesar das indemnizações recebidas pela família, nos anos 60, nada resta em Solingen do legado familiar, a não ser a abundante documentação no Arquivo da cidade e as lápides de diversos familiares no cemitério judaico. Renata e vários membros da família provenientes de Portugal, Suécia e Israel, visitaram-nas em junho de 2010.

Figura 30. Fábrica Ómega em ruínas em Solingen, 2010.

Figura 31. Visita da família Feist a Solingen (Cemitério Judaico), 2010.

Heinz Herbert e Maria Matilde Feist

Solingen, 16-03-1906 | Lisboa, 16-05-1994

Lisboa, 30-01-1908 | Lisboa, 04-05-2003

Heinz Herbert e Maria Matilde, 1934.

Autores.

Ana Raquel Teixeira, 9.º B e Ana Paula Leal, 9.º F. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Renata Feist recolhidos por correio eletrónico entre novembro de 2012 e janeiro de 2013.

Fotografias do arquivo pessoal da família Feist.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

SASSIN, *Horst. Survival in the Underground: Dr. Erna Rüppel (1895-1970)* [Versão em pdf].

Bernhard Krischer

Frankfurt, 09-08-1931 | ---

Bernhard (Bernie) Krischer, que colaborou connosco a partir do Japão onde atualmente reside, nasceu a 9 de agosto de 1931, em Frankfurt, na Alemanha, pelo facto de esta ser a cidade de onde era natural a sua mãe e onde viviam os seus avós maternos. Feige Solnitza, a mãe de Bernie, quis ter ao seu lado a sua própria mãe para que esta a pudesse ajudar nos primeiros dias a seguir ao nascimento do filho. Mas a família Krischer (Josef, o pai; Feige Solnitza, a mãe e Bernie) vivia em Leipzig, no n.º 18, da Golitzerstraβe.

Figura 1. Golitzerstraβe, Leipzig, 1931 (Fonte: http://commons.wikimedia.org/).
Figura 2. Brühl, o bairro de curtumes de Leipzig, 1906 (Fonte: http://commons.wikimedia.org/).

Josef Krischer, o pai de Bernie, nasceu na Polónia tendo-se mudado para Leipzig para se tornar aprendiz numa loja de peles. Mais tarde abriu o seu próprio negócio, a Josef Krischer Pelze, no bairro de curtumes de Leipzig. Josef e Feige conheceram-se em Scheweningen, uma estância balnear no norte da Alemanha tendo-se depois casado e ficado a viver em Leipzig.

A família Krischer estava perfeitamente integrada na sociedade alemã, de tal forma que Bernie frequentou um jardim-de-infância na cidade. Em Leipzig, os judeus eram cidadãos alemães plenos antes da chegada de Adolf Hitler ao poder, ao mesmo tempo que tinham orgulho em ser quem eram, judeus, frequentando as sinagogas e restaurantes judeus em Leipzig.

Com a crise económica com que a Alemanha se deparava nos inícios dos anos 30, foi fácil ao Nazismo a chegada ao poder e a utilização dos judeus como bode expiatório dos problemas económicos do país. A família Krischer, como qualquer família judia alemã, sofreu as perseguições nazis sendo insultada publicamente, lembrando-se Bernie de situações em que a mãe teve de esperar para ser atendida em último lugar nas mercearias e que ele próprio foi vitima de agressões na escola por ser judeu.

Figura 3. Três comerciantes judeus forçados a carregar cartazes antissemitas perante a população de Leipzig. Nos cartazes pode ler-se: "Não comprem aos judeus. Comprem nas lojas alemãs", 1935 (Fonte: http://www.ushmm.org/).

Perante o agravar das perseguições antissemitas, Josef Krischer decidiu abandonar, abruptamente, a Alemanha em 1937, seguindo em direção à Holanda como se fossem de férias, deixando todos os seus bens para trás sem nunca mais os conseguir recuperar. Relativamente à loja de peles, esta foi deixada ao cuidado de um funcionário que acabou por tomar o controlo do negócio sem o consentimento de Josef Krischer, que após a II Guerra Mundial a tentou recuperar através de um processo judicial mas sem sucesso.

Bernhard Krischer, 1940.

Da Holanda, a família Krischer passou pela Hungria (onde vivia um irmão de Josef) e depois pela França. Os Krischer estavam em França já há um ano quando aconteceu a invasão nazi em território francês, a 10 de maio de 1940. Pouco antes da entrada dos alemães em Paris a 14 de junho de 1940, Feige e Bernie apanharam um dos últimos comboios que saiu de Austerlitz em direção a Hendaia, perto da fronteira com a Espanha. Josef Krischer fica ainda alguns dias em Paris para finalizar negócios e a família reencontra-se, acidentalmente, em St. Jean-de-Luz numa pensão.

Bernie tinha então oito anos e todas estas viagens eram uma aventura e uma oportunidade de conhecer novas pessoas lembrando-se Bernie da comida extra e das guloseimas que a dona da pensão lhe ofereceu.

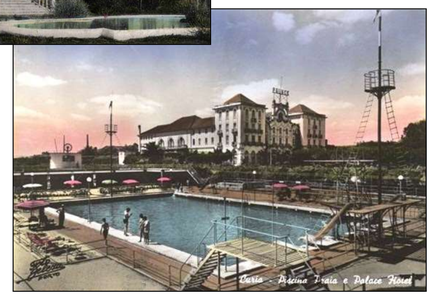
Figura 4. Baiona, s/d. (Fonte: http://osnovediasdesousamendes.com/).

Figura 5. Visto para Portugal concedido em Baiona a Jacob Lotenberg, 21 de junho de 1940 (Fonte: http://sousamendesfoundation.org/).

Alguns dias depois, a família, já toda reunida, dirige-se para Hendaia para tentar conseguir um visto para Portugal. Conseguem-no em Baiona onde havia um consulado português junto ao qual os judeus faziam fila para conseguir um visto para Portugal. Josef Krischer não sabia onde era o consulado nem falava francês, pelo que é o pequeno Bernie que toma a iniciativa de perguntar na rua a um senhor onde fica o edifício diplomático: ”Pode dizer-me onde fica o Consulado Português?” E o senhor respondeu-lhe: “Meu pequeno, porque me perguntas isso?” Então o pequeno Bernie respondeu: “Porque somos refugiados de Hitler e queremos ir para Portugal”. Então ele respondeu: “Eu sou o Cônsul de Portugal, leva o meu cartão, apresenta-te amanhã às 10 horas e eu dou-vos o visto”. A família Krischer entrou, assim, em Portugal, ao que parece, com vistos dados por Aristides de Sousa Mendes, quando este, depois de Bordéus, foi para Baiona, tendo continuado a dar vistos aos refugiados, por vezes nas escadas do prédio do consulado e na rua, contrariando as ordens expressas de António Oliveira de Salazar.

O pequeno Krischer, juntamente com os seus pais dirigiram-se para Portugal, passando a fronteira entre França e Espanha, de comboio até Salamanca, tendo a família apanhado um táxi até Portugal.

Assim que chegam a Portugal, Bernie e a família foram instalados na Curia, uma das «zonas de residência fixa», para os refugiados judeus, estabelecidas pelas autoridades portuguesas perante a avalanche de refugiados que se acumulava nas fronteiras. Esta atribuição de residência era provisória e durava o tempo que os refugiados necessitavam para conseguir os vistos de saída de Portugal. De acordo com Avraham Milgram, «no final de 1940, havia em Portugal, de acordo com as estimativas da Joint, cerca de 10 000 refugiados ao todo, 90% dos quais judeus. […] Beneficiavam dos serviços da comissão e da ajuda financeira até partirem de Portugal.» Também segundo a Joint, encontrar-se-iam no final de 1940 na Curia, cerca de 50 refugiados judeus.



Figuras 6 e 7. Termas da Curia, postal de 1920 e Palace Hotel da Curia, c. 1934 (Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/).

Bernie, na sua estadia pela Curia, foi sempre acompanhado pelo Sr. José Rodrigues, que residia na vila de Aguim, e tinha um escritório de advocacia em Anadia.

Bernhard Krischer

Frankfurt, 09-08-1931 | ---

Bernhard Krischer, 1940.

Como testemunha o jovem Krischer: «Quando os meus pais tiveram de ir a Lisboa tratar da documentação para seguirmos viagem, deixaram-me em casa de uma família portuguesa [Família do Sr. José Rodrigues]. Fiquei lá quase três meses. Eu era uma criança fugida da guerra, num país desconhecido de que não sabia a língua, a viver com pessoas que mal conhecia, mas por sorte era muito extrovertido. Eles falavam francês e ficaram para sempre como a minha segunda família. Quando partimos prometi que lhes escreveria assim que chegasse ao nosso destino. E assim fiz. Até hoje. Sempre que posso, venho a Portugal e visito-os».

Durante os três meses que ficou no Curia, o Sr. José Rodrigues levou Bernie a conhecer outras zonas de Portugal, nomeadamente a Figueira da Foz, Coimbra e Porto, tendo também criado amizades com pessoas na Curia que viviam no Estoril.

Figura 8. Centro Cultural da Anadia, vista das Termas da Curia e ao fundo o Grande Hotel, 1915 (Fonte: http://mvasm.sapo.pt/).
Figura 9. Folheto de propaganda turística da Curia, s/d (Fonte: http://mvasm.sapo.pt/).
Figura 10. Piscina da Curia, 1935 (Fonte: http://mvasm.sapo.pt/).

Figura 11. Bernie Krischer, de boné branco, na Curia com outros refugiados, 1940 (fonte: http://sousamendesfoundation.org/krischer/).

A Curia, que Bernie recorda vividamente pela sua água termal, era uma vila turística, com clima ameno e boas condições de vida para as circunstâncias da época. Como os restantes locais designados para serem «residências fixas» destes refugiados, esta vila vai sofrer alterações com a presença dos refugiados estrangeiros que trazem consigo costumes diferentes, nomeadamente ao nível do comportamento e forma de estar e vestir das mulheres. A juventude portuguesa destes locais foi mesmo influenciada por este novo estilo de vida e as mulheres jovens da média e alta burguesia começaram a frequentar os cafés, a ir ao cinema sozinhas e a sair à rua sem luvas nem meias. Como salienta Avraham Milgram, nestas regiões à beira-mar (Curia, Ericeira ou Caldas da Rainha), onde os refugiados ficam concentrados, "o vestuário "ousado" das estrangeiras na praia era tema de discussões entre conservadores e progressistas sobre moral e modéstia".

O Sr. José Rodrigues estudou Direito na Universidade de Coimbra, tendo sido seu professor Salazar, o ditador de Portugal, mas como era um homem democrata desprezava Salazar. O Sr. Rodrigues apresentou ao pequeno Bernie mais pessoas que se opunham ao regime ditatorial, tendo também conhecido um advogado chamado Caetano, o mesmo advogado que se tornou Presidente do Conselho depois da morte de António de Oliveira Salazar.

Bernie contou-nos, ainda, que os vistos que lhes permitiriam ir para os EUA estavam a demorar demasiado tempo, tendo um grupo de refugiados mandado um telegrama para o Presidente Franklin D. Roosevelt, contando-lhe a situação pela qual estavam a passar, implorando que Roosevelt lhes concedesse os vistos para os Estados Unidos da América. Bernie diz que em consequência do telegrama enviado para a Casa Branca, foram oferecidos vistos para toda a gente que queria emigrar para os EUA.

Bernhard Krischer

Frankfurt, 09-08-1931 | ---

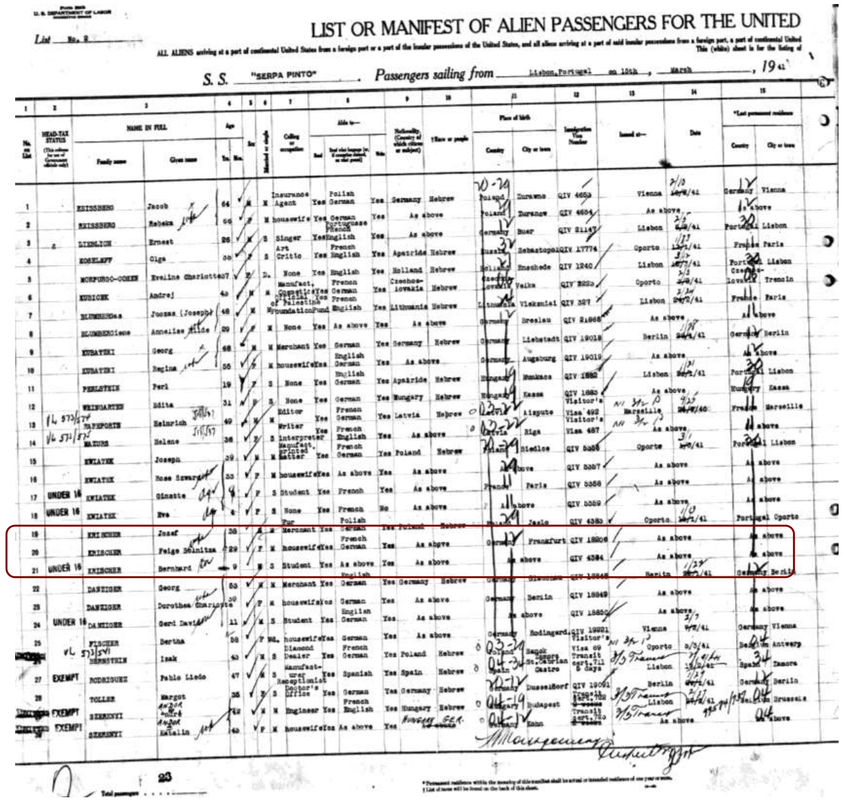
Bernhard Krischer, 1940.

«Sempre estarei grato a Franklin D. Roosevelt por responder tão generosamente a este apelo. Ele foi um dos nossos melhores presidentes.», diz Bernie no testemunho que nos facilitou a nossa pesquisa.

Para além de uma breve estadia num dormitório de uma escola católica no Porto, outra das recordações de Bernie corresponde a uma visita, com os pais, à bela cidade de Lisboa, com as suas ruas e escadarias encaixadas noutras ruas e os "Campos Elísios" de Lisboa, a Av. da Liberdade. Lembra-se, também, de estar com os pais numa esplanada em Lisboa e do pai deixar uma gorjeta para o empregado que os serviu.

Bernie espanta-se com a atitude do pai, dadas as dificuldades que atravessavam, mas este explica-lhe que o homem tinha de ganhar a vida e suportar a família e que aquilo seria mais uma pequena ajuda. Bernie jamais se esqueceu desta posição do pai e tentou sempre ser generoso com quem o serviu ao longo da vida.

Os vistos para Portugal são emitidos no Porto, em janeiro de 1941, e os Krischer partiram para Nova Iorque, no Serpa Pinto, no dia 15 de março de 1941, tendo chegado ao porto de Ellis Island, a 30 de março. Bernie recorda-se que viajaram em classe turística mas que travou amizade com o Comandante do navio que o convidou a jantar na sua mesa. Recorda-se também do navio parar nas Bermudas e de ter obtido autorização para ir a terra, onde comprou fruta e jornais para alguns dos passageiros em troco de algum dinheiro e assim se ter tornado num pequeno empresário.


LIST OR MANIFEST OF ALIEN PASSENGERS FOR THE UNITED

S. S. "SERPA PINTO" Passengers sailing from Lisbon, Portugal on 15th March, 1941

Figura 12. Lista de passageiros estrangeiros do navio Serpa Pinto onde constam os Krischer, Lisboa - Nova Iorque, partida a 15 de março de 1941 (Fonte: www.ancestry.com).

Figuras 13 a 15. Navio Serpa Pinto, 1942 (Fonte: http://lmcshipsandthesea.blogspot.pt/).

Nos EUA, Bernie Krischer cresceu, estudou e tornou-se um jornalista de sucesso, com várias passagens por cenários de guerra. A memória da fuga da família desde a Alemanha até Portugal e o espírito de solidariedade sentido em Portugal marcaram-no para toda a vida, tornando-o especialmente sensível ao sofrimento dos outros, pelo que atualmente é responsável por uma fundação de apoio a refugiados de guerra do Camboja.

Figura 16. Bernie Krischer, 2012 (Fonte: http://shiftrunner.com/).

Bernhard Krischer

Frankfurt, 09-08-1931 | ---

Bernhard Krischer, 1940.

Autores.

Francisco Dias e Gonçalo Moreira, 9.º B. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Bernie Krischer recolhidos por correio eletrónico entre outubro de 2012 e janeiro de 2013.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

http://sousamendesfoundation.org/krischer/

Nella Maissa

Turim, 07-05-1914 | ---

Nella Basola Segre Maissa nasceu em Itália no dia 7 de maio de 1914, em Turim, no seio de uma família burguesa tradicional, de origem sefardita tendo a sua mãe o apelido Segre e o pai o apelido Basola que vem de Basel (Basileia) na Suíça.

Figura 1. Nella Maissa, com dois anos de idade, 1916.

Nella Maissa fez a escola primária e o liceu em Turim recordando-se, em entrevista dada a Diana Ettner para a revista da Comunidade Israelita de Lisboa (CIL), que o ensino «em Itália era bastante difícil e exigente conferindo a todos uma cultura verdadeiramente universal». Quando acabou o liceu e chegou o momento de escolher o curso que queria seguir, ao contrário do que a família desejava, não optou por Letras mas sim por Direito, tendo-se formado na Universidade de Parma com 21 anos, em 1935. Apesar de nunca ter levado o curso a sério, Nella Maissa formou-se com o máximo dos valores com uma tese sobre *L'Ordinamento delle Comunitá Israelitiche in Itália*, com base nas leis decorrentes da *Concordata* assinada entre o Papa Pio XI e o Estado Italiano, defendida num anfiteatro enorme, em frente de onze professores. Tratou-se de uma tese em Direito Canónico, dedicada a um tema judaico, relacionado com o novo ordenamento das comunidades judaicas disposto por uma lei italiana dos anos 30.

Figuras 2 e 3. Turim, anos 20 (Fonte: http://www.mepiemont.net/).

Relativamente à música, que "foi e ainda é a sua vida", apesar da sua mãe cantar bastante bem, esta não era tradição familiar. Nella começou a tocar piano aos cinco anos, iniciando os estudos deste instrumento em casa, em Turim, com os professores Bufaletti e mais tarde com Alfredo Casella em Roma. É diplomada em piano pelos conservatórios de Milão e Pesaro, tendo atuado em público nas cidades de Parma, Bolonha e Roma. Enquanto estudava na Universidade, participou num concurso de Chopin, em Varsóvia, em 1931, tendo obtido uma boa classificação. Foi a primeira vez que ouviu uma série de pianistas, o que a fez começar a estudar piano mais seriamente. Em 1933, foi premiada no 1º Concurso para Jovens Concertistas em Roma.

Figura 4. Casamento de Nella Basola com Renato Maissa, 1936.

Em 1936, Nella casa com Renato Maissa, na Sinagoga de Milão, quando tinha 22 anos, interrompendo até 1941 a sua atividade musical.

Nella Maissa, 1941.

Figuras 5 e 6. Renato Maissa, 1918 e 1925.

Renato Dario Ascarelli Maissa, filho de um judeu português e de uma senhora de Roma, descendia também de uma família sefardita, que tinha escapado às perseguições ibéricas para Salónica, na Grécia, e trabalhava no ramo do comércio com o seu pai.

Nella Maissa

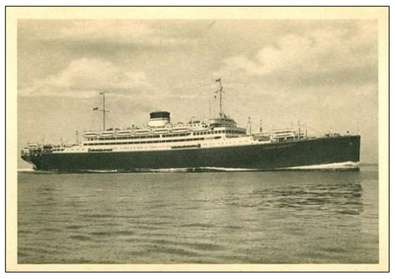
Turim, 07-05-1914 | ---

Nella Maissa, 1941.

Deste casamento, em 1938, nasceu Ricardo, o filho que agora nos conta esta sua história.

A vida dos judeus em Itália era tranquila e eles estavam bem integrados com a população antes da subida de Mussolini ao poder em 1925. Aliás, os problemas de restrições à liberdade só começam mesmo em 1938, altura em que os judeus começam a sentir a necessidade de sair do país devido à aprovação de leis antissemitas em Itália (leis relativas ao casamento; declaração sobre quem devia ser considerado de raça judaica; lei sobre a disciplina do exercício das profissões por parte dos cidadãos de raça judaica; limites impostos à propriedade imobiliária e à atividade industrial e comercial aos cidadãos italianos de raça judaica; exclusão dos elementos judaicos do campo dos espetáculos). “Deixamos de ser gente”, afirma Nella Maissa sobre esta situação, “Não podíamos ter propriedades, não podíamos mandar os nossos filhos à escola, não podíamos ter empregadas domésticas católicas, não tínhamos direitos. Qualquer pessoa podia matar-nos, porque nós judeus nem sequer éramos considerados gente. Foi nesta situação horrorosa que decidimos partir de Itália.”

O destino óbvio dos Maissa era Portugal devido aos passaportes portugueses de Renato, e também de Nella, por casamento, o que não evitou a existência de problemas com as autoridades portuguesas que contestavam a validade do passaporte de Renato.



Figuras 7 e 8. Navios Saturnia e Vulcania, onde Nella Maissa viajou, em 1939, entre Itália e Portugal.

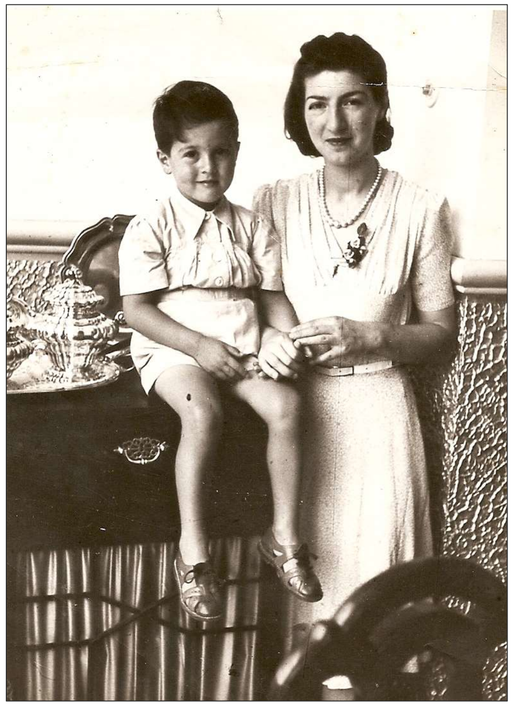


Figura 9. Nella Maissa com o filho Ricardo, Lisboa, 1941.

Figuras 10 e 11. Ricardo Maissa, com 2 e 4 anos.

A guerra tinha começado há dois meses, quando Nella e Renato viajaram sozinhos para Portugal, em novembro de 1939, no navio Saturnia (navio que a partir de 1943, após a capitulação da Itália, foi usado como navio hospital pelos Aliados), daí que estes já sentissem as dificuldades impostas pelas autoridades portuguesas sobre os refugiados que queriam entrar em Portugal.

Supondo que vinha para Portugal com o marido por um mês, apenas para conhecer o país, Nella logo verificou que a situação tenderia a tornar-se permanente.

O marido, por não ter cumprido o serviço militar foi impedido de sair de Portugal, pelo que foi Nella que teve de voltar a Itália, em março de 1940, para ir buscar o pequeno Ricardo que tinha ficado com os avós. Estes viajam no navio Vulcania, no regresso a Lisboa. Foi uma viagem sem qualquer tipo de drama pois os navios italianos não tinham restrições de navegação no Mediterrâneo. Só algum tempo depois é que partem para Portugal também os pais de Nella e de Renato.

Nella Maissa

Turim, 07-05-1914 | ---

Nella Maissa, 1941.

Os dois primeiros anos em Portugal, como confessa Nella Maissa, foram "bastante difíceis". Primeiro estiveram cerca de dois meses hospedados no Hotel Tivoli e depois alugaram um apartamento na Rua Ramalho Ortigão, em Lisboa, que dividiam com mais duas famílias. Só quando chegou o resto da família é que Nella e Renato mudaram para uma casa na Rua Fialho de Almeida, onde moraram até à morte de Renato, em 1961. Foram dois anos de muitas preocupações, sem música e sem piano, e com algumas dificuldades económicas ultrapassadas essencialmente com a ajuda dos pais de Nella que, mesmo antes de virem para Portugal, transferiam algum dinheiro para ajudar o jovem casal. Por outro lado, ninguém na família falava português, o que se tornou um obstáculo também a ultrapassar.

De facto, a integração dos Maissa na própria Comunidade Israelita de Lisboa não foi fácil nem nunca foi muito forte, apesar de irem esporadicamente à Sinagoga e de comemorarem sempre todas as festas judaicas em sua casa. Os Maissa eram praticamente os únicos que tinham vindo de Itália, pelo que não conheciam ninguém. A maioria dos judeus refugiados em Lisboa, nesta época, eram provenientes da Alemanha ou da Polónia e a maior parte deles só falava yiddish (idioma falado pelos judeus da Europa Oriental, com influências do alemão). Mais tarde, Nella estabelece um relacionamento mais próximo com o Rabino Diesendruck, que celebrou o Bar Mitzvah de Ricardo, na Sinagoga de Lisboa, por aquele ter uma excelente cultura musical e ser um ótimo cantor.

Quando a vida começa a estabilizar em Lisboa, a partir de 1941, Nella recomeça a estudar piano com o Professor Vianna da Motta que conhece através de uma mecenas da música, Elisa de Sousa Pedroso, que tinha uma casa aberta para pessoas ligadas à música. Entretanto, convencem-na a escrever à Emissora Nacional que a contrata.

Ainda durante a guerra, em 1944, concorre ao primeiro Prémio "Vianna da Mota" dessa mesma emissora que vence por unanimidade, tendo depois começado a trabalhar com o Maestro Freitas Branco, na Orquestra Sinfónica de Lisboa.

Depois daqueles primeiros tempos complicados, Nella sentia-se muito feliz por viver em Portugal. Apesar da ditadura, os judeus não eram perseguidos enquanto minoria religiosa e o retomar da sua carreira musical tornou-se um estímulo muito forte. Depois da guerra, viaja muito, dá concertos por toda a Europa, em África, no Brasil e na América do Norte. Pelo facto de aos olhos da sociedade portuguesa ser "estrangeira" (era portuguesa apenas por casamento, não tinha nascido nem sido criada em Portugal e falava com sotaque), Nella pôde usufruir de uma carreira própria e profícua, ao contrário da maioria das mulheres portuguesas da época.

Figura 12. Dedicatória de Vianna da Motta, 1943.

Figura 13. Nella Maissa retratada por Abel Manta.

Figuras 14 e 15. Álbuns de Nella Maissa (Fonte: http://valkirio.blogspot.pt/2009/05/parabens-nella-maissa.html).

Ao longo da sua longa carreira, Nella Maissa nunca teve a preocupação de construir um reportório direcionado para este ou aquele compositor ou esta ou aquela época musical, facto que ainda hoje a faz ter consciência de que se o tivesse feito o seu sucesso seria maior. No entanto, a partir de determinada altura, dedicou-se à divulgação dos compositores portugueses, como João Domingos Bomtempo, Lopes Graça, Armando José Fernandes ou Luís Freitas Branco. Assim, deu vários recitais e concertos, fora do país, apenas para tocar música portuguesa, bem como gravou discos dedicados a estes compositores.

Figuras 16 e 17. Nella Maissa retratada por José Sena Goulão | Lusa, 2008 (Fonte: http://www.flickr.com/photos/goulao/).

Tendo sido condecorada por diversas ocasiões, quer em Portugal quer em Itália, Nella Maissa deu o seu último concerto em 2008, aos 94 anos, na Casa da Música do Porto. O programa desse concerto foi bem ilustrativo do percurso de uma vida e refletiu tanto o seu gosto como as suas atuais (à altura) possibilidades: três autores portugueses, dois dos quais do século XX. E, no final, a *Fantasia em fá m, op. 49*, de Chopin - "desejaria terminar com a Sonata 'Tempestade', de Beethoven, até por causa da estrutura do programa", reconheceu perante os jornalistas , "mas não posso, por causa dos saltos na mão esquerda" requeridos por essa obra. Razão óbvia: "Como não vejo bem, às vezes sai certo, outras vezes não. E isso não pode ser...".

Poucos meses depois, Nella Maissa fraturou uma perna e perdeu grande parte da mobilidade bem como agravou a sua falta de visão e perdeu uma parte da audição acompanhada por uma distorção dos sons. Hoje, ela não toca mais piano.

Ricardo Maissa, o seu filho, reconhece a sorte que toda a sua família teve pelo seu pai ser português, o que possibilitou que todo o agregado familiar viesse para Portugal e escapasse ao Holocausto, e foi com emoção que aceitou colaborar neste projeto de reconstituição histórica, para evitar que a memória destes tristes acontecimentos seja apagada com o passar do tempo. Apesar de ser demasiado pequeno à altura dos acontecimentos coevos da II Guerra Mundial e de pouco se recordar desses tempos, mesmo num país onde praticamente não existiam perseguições antissemitas, lembra-se bem do sentimento de ser diferente dos outros meninos companheiros de escola: ele falava um idioma diferente em casa, tinha hábitos alimentares diferentes e tinha uma religião diferente.

Figura 18. Nella Maissa, 2013.

Nella Maissa

Turim, 07-05-1914 | ---

Nella Maissa, 1941.

Autores.

Diana Ferreira e Flávia Teixeira, 9.º B. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Ricardo Maissa recolhidos por correio eletrónico entre novembro de 2012 e maio de 2013.

Fotografias do arquivo pessoal da família da Nella Maissa.

ETTNER, Diana. “Entrevista com Nella Maissa” *in TIKVÁ – Boletim Informativo da CIL*, n.º 44, Abril de 2004.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

Walter e Brunhilde Weinreb

Viena, 29-04-1909 | Lisboa, 11-06-1971

Plauen, 04-04-1913 | Bruxelas, 06-09-2009

Peter Weinreb vive atualmente em Bruxelas, na Bélgica, mas prontamente aceitou o nosso desafio para contar a história dos seus pais: Walter Weinreb e Brunhilde Rath Weinreb.

Walter Weinreb nasceu em Viena (Aústria), a 29 de abril de 1909, tendo estudado no Bundesgymnasium und Bundesrealgymnasium, enquanto a sua mãe nasceu em Plauen, na província de Sachsen, na Alemanha, no dia 4 de abril de 1913, tendo frequentado o Maedchengymnasium der Stadt Plauen im Vogtlande. Ambas as famílias são originárias da Galícia Oriental, de cidades que atualmente fazem parte da Ucrânia e, que quando os pais de Walter e Brunhilde nasceram, pertenciam ao Império Austro-húngaro. As famílias Weinreb e Rath dedicavam-se ao comércio e abandonaram as suas cidades natais, na segunda metade do séc. XIX, por motivos económicos.

Entretanto, Brunhilde, devido ao agravamento das discriminações e leis antissemitas na Alemanha nazi, nomeadamente ao nível dos estudos, foi viver para Viena, em 1934, para tirar um curso de costura sobre cintas e soutiens, cujo diploma obtém em março de 1935, na Gewerbliche Fachschule fuer Miedererzeuger Anna Schubert. Brunhilde recordou sempre, por exemplo, que as suas amigas não judias deixaram de lhe falar, após a subida de Hitler ao poder.

Enquanto isto decorria, Walter foi trabalhar para Antuérpia, no ramo do comércio, em fevereiro de 1934. Em 1936, Brunhilde estabelece-se também nessa cidade, onde viviam duas primas que ali se tinham estabelecido com as suas famílias, fugindo da Alemanha nazi. Entre viagens, Walter e Brunhilde conheceram-se em Antuérpia, num chá dançante, num domingo à tarde, como testemunha o seu filho, e casam-se pelo civil, no dia 15 de dezembro de 1937. O casamento religioso efetuou-se em Londres, onde viviam os irmãos de Brunhilde.

Figura 4. Campo de internamento de Saint Cyprien (Fonte: http://www.radio.cz/fr/rubrique/histoire/des-camps-aux-camps).

Em março de 1938, quando ocorreu o *Anschluss*, a anexação da Áustria pela Alemanha, Walter já não vivia em Viena, no entanto a sua família sentiu de imediato o peso violento do antissemitismo: a loja, de sedas e bordados, muito próspera do pai foi confiscada bem como a conta bancária, logo no dia seguinte. Outros judeus foram obrigados a limpar as ruas com escovas de dentes. Face ao sucedido e ao apoio referendado de 99% da população austríaca a esta anexação e consequentemente à política nazi, o pai de Walter e os seus irmãos, traumatizados e com o sentimento de que a situação iria piorar, decidem emigrar também para a Bélgica.

Figuras 1 a 3. Entrada das tropas nazis na Áustria (Anschluss), 13 de março de 1938. Entrada triunfal de Hitler em Viena, 15 de março de 1938. (Fonte: http://www.bild.bundesarchiv.de). Judeus forçados a lavar as ruas de Viena, março de 1938 (Fonte: http://www.bridgemanart.com/).

Walter e Brunhilde Weinreb, 1942.

Quando a II Guerra Mundial se inicia em setembro de 1939, os Weinreb, na Bélgica, são confrontados com outro problema: são considerados cidadãos de um país inimigo e Walter é enviado para um campo de internamento no Sul de França, em Saint Cyprien, nos Pirenéus Orientais.

De facto, perante o início das hostilidades provocadas pelos países do Eixo, as autoridades belgas e francesas enviam os homens de nacionalidade alemã, austríaca ou checoslovaca para campos no sul de França, campos criados pelas autoridades militares francesas para acolher os republicanos espanhóis adversários dos franquistas durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939).

Walter e Brunhilde Weinreb

Viena, 29-04-1909 | Lisboa, 11-06-1971

Plauen, 04-04-1913 | Bruxelas, 06-09-2009

XVIe REGION
COMMANDEMENT DU CAMP DE ST. CYPRIEN (P.O.)

VILLE de PERPIGNAN REMIS CARTE D'ALIMENTATION

Libéré par autorisation de la Commission de Criblage

FICHE DE LIBERATION

Le nommé ...Weinreb Walter...
après vérification de son identité et de sa moralité par la Police du Camp est libéré le...3...Aout 1940.-
Se rend à son domicile à...Perpignan Rue Mal Foch
Camp de St. Cyprien le,.....Aout 1940.-

Le Chef d'Escadron ALLEMANN, Commandant le Camp.-

PERPIGNAN PO-MIDI 11 AOUT 40 TR 3

Figura 5. Documento de libertação de Walter Weinreb do Campo de Saint Cyprien, 3 de agosto de 1940.

Com a evolução da guerra e a invasão da Bélgica e da França pelas tropas nazis, os Weinreb passam a ser tratados pelas novas autoridades como apátridas e provavelmente no rescaldo de ter sido feito prisioneiro pelas autoridades belgas e francesas é libertado de Saint Cyprien, a 3 de Agosto de 1940, pelos alemães (ironicamente), tendo então regressado a Antuérpia, para se reencontrar com a mulher.

Em princípios de 1941, Walter e Brunhilde decidem abandonar a Bélgica e partem para Cannes, no Sul de França, em zona ocupada pelos italianos (Alpes Maritimes) e bem menos restritiva relativamente aos judeus. No entanto, a partir do início de 1942, Walter começa a receber convocatórias para se apresentar às autoridades francesas (e colaboracionistas) de Vichy e perante a ameaça cada vez mais concreta de uma provável deportação para o Leste e também porque Brunhilde estava grávida, ambos decidem emigrar para o continente americano, pelo que obtém vistos de viagem para Cuba e o Panamá e autorizações de trânsito por Espanha e Portugal. A autorização portuguesa terá sido concedida, após diversas tentativas em Marselha pela própria Brunhilde, em 1942, por um dos irmãos Gissot, cônsul honorário em Cannes que foi referenciado em correspondência de Elias Baruel, vice-presidente da Secção de Assistência aos Refugiados da Comunidade Judaica de Lisboa ao Diretor da PVDE (Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado), como estando a conceder vistos, sem a prévia autorização da polícia e, ao que se suspeita, cobrando por esses documentos.

Figuras 6 a 9. Documentação usada pelos Weinreb para viajarem para Portugal, em 1942.

Walter e Brunhilde Weinreb, 1942.

Os Weinreb partem em março de 1942 de Cannes, de comboio, passando por Marselha, Barcelona e chegam em abril à fronteira de Vilar Formoso. Chegados a Portugal, dirigiram-se às entidades que se ocupavam dos refugiados de origem judia e é então que decidem não continuar para Cuba nem para o Panamá mas antes pedir autorização para permanecerem em Portugal, pois entretanto os alemães começaram a perder batalhas na frente leste e cada vez mais os navios ocidentais eram atacados por submarinos e aviões nazis no Atlântico. Concedida a autorização para permanecerem em Portugal, são enviados para uma das zonas de residência fixa, as Caldas da Rainha, onde ficaram até ao fim da guerra, em 1945.

As zonas de «residência fixa» tinham sido criadas pelo governo de Salazar, em junho de 1940, após a grande avalanche de refugiados que chega a Portugal decorrente da invasão da França, se amontoam na fronteira em Vilar Formoso e, na sua maioria, não possuíam vistos válidos. Tendo sido colocada em prática por Agostinho Lourenço, da PVDE, a ideia das «residências fixas» é de Augusto d'Esaguy, da Comassis, e visava desviar os refugiados para zonas balneares e termais, onde havia hotéis e pensões, de modo a fazer reduzir a tensão das autoridades portuguesas relativamente à situação caótica na fronteira e, como refere Irene Pimentel, "provavelmente, para obter do governo uma maior disponibilidade para conceder vistos de trânsito". Esta decisão permitia, também, aliviar a situação em Lisboa, onde já havia milhares de refugiados. Esta medida, no entanto, era forçada, substituta da prisão ou dos campos de internamento para apátridas, pelo que os refugiados não podiam trabalhar nem se podiam deslocar mais de 3 quilómetros para além desses locais, sem a autorização da PVDE. Os refugidos tinham ainda de conseguir partir no prazo de trinta dias que durava a autorização de residência.

Em 1942, a situação é bastante diferente, pois as autoridades portuguesas passaram a tolerar a permanência dos estrangeiros por tempo mais prolongado no país e a renovação da autorização deixou de ser um problema. Nas Caldas da Rainha, Brunhilde pede e obtém autorização para dar à luz em Lisboa no Hospital Israelita, na Travessa de Noronha.

Figura 10. Walter e Brunhilde nas Caldas da Rainha, três semanas antes de Brunhilde dar à luz, maio de 1942.

Aí nasce, a 17 de junho de 1942, Peter Salomon Weinreb que assim obtém a nacionalidade portuguesa.

Figuras 11 a 14. Walter e Brunhilde nas Caldas da Rainha, três semanas após o nascimento de Peter, julho de 1942.

Nas Caldas da Rainha, os Weinreb foram ajudados por organizações de auxílio americanas como a JOINT (Comissão Conjunta Judaico-Americana de Distribuição) através da Comunidade Israelita de Lisboa, pelo que receberam, entre outros subsídios, ajuda para a renda, alimentação, vestuário e medicamentos até ao início de 1946.

Figuras 15 e 16. Walter e Peter na Ericeira e nas nas Caldas Rainha, agosto de 1943.

Nos anos da guerra, nas Caldas da Rainha, o casal aprendeu rapidamente a língua portuguesa mas nunca pediu a nacionalidade pois em 1945 obtiveram de novo a nacionalidade austríaca.

Walter e Brunhilde Weinreb

Viena, 29-04-1909 | Lisboa, 11-06-1971

Plauen, 04-04-1913 | Bruxelas, 06-09-2009

Walter e Brunhilde Weinreb, 1942.

A vida nesta cidade era agradável, ainda que tivesse alguns dos hábitos provincianos dos portugueses, e os Weinreb moravam em quartos alugados ou em apartamentos mas sempre com a restrição dos três quilómetros ao redor da cidade. Assim, em determinado momento, Walter começou a fingir ter tiques nervosos justificados pelo internamento no campo de Saint Cyprien e pediu às autoridades uma consulta com o Professor Egas Moniz, médico neurologista. Claro que o professor Egas Moniz adivinhou o objetivo da sua consulta e passou-lhe um programa de tratamento de consultas para que Walter pudesse vir três vezes por semana a Lisboa, o que lhe permitiu fazer comércio de diamantes e pedras preciosas.

Walter e Brunhilde Weinreb

Viena, 29-04-1909 | Lisboa, 11-06-1971

Plauen, 04-04-1913 | Bruxelas, 06-09-2009

Após o fim da guerra, a família muda-se para Lisboa passando a viver na Rua Sebastião da Pedreira, até 1952 e depois nas Amoreiras, sendo em Lisboa que nasceu, a 29 de abril de 1948, a segunda filha do casal, Paulette Marlene Weinreb.

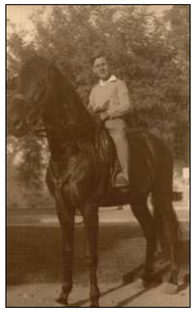


Figura 17. Peter em Cascais, agosto de 1943.

Figura 18. Brunhilde, Peter e Paulette em Cascais, agosto de 1943.

Figura 19. A família Weinreb no Bar Mitzvah de Peter, junho de 1955.

Figura 20. Festa do Bar Mitzvah de Peter, com as famílias Brodheim, Romano e Veiga, na Escola Lusitânia, junho de 1955.

Figura 21. Discurso de Peter no seu Bar Mitzvah, na Escola Lusitânia, junho de 1955.

Todos os irmãos de Brunhilde e Walter escaparam ao Holocausto, no entanto o pai de Brunhilde foi deportado e assassinado em Auschwitz, assim como alguns tios de Walter e Brunhilde também foram deportados e assassinados em diversos campos de concentração na Polónia. Destas situações, destacamos o que aconteceu com o pai de Brunhilde. No dia 19 de abril de 1943, o Comboio XX (vigésimo transporte dos judeus belgas) partiu com 1631 vítimas do Campo de Trânsito de Dossin, em Malines, para Auschwitz. Pouco depois do início da viagem, três jovens estudantes da resistência belga, fizeram algo único em toda a história do Holocausto: com apenas um revólver e uma lanterna envolvida em papel vermelho (sinal de perigo na linha) conseguiram parar um dos transportes que iam para os campos de extermínio. Apesar da presença de 40 soldados no comboio, entre eles 16 alemães, um dos jovens conseguiu abrir um dos vagões e 17 pessoas fugiram. Depois do comboio continuar a sua viagem mais 231 pessoas fugiram de outros vagões, usando tudo o que podiam para tentar fugir. Destas 231 pessoas que fugiram, 90 foram recapturadas e colocadas noutro transporte, 26 foram mortas e 115 conseguiram manter-se em fuga. A 22 de abril, o comboio chega a Auschwitz depois de 4 infernais dias de viagem. Após a seleção, apenas 531 escaparam à morte imediata e apenas 150 sobrevive-ram até ao fim da guerra. Os restantes foram assassinados nas câmaras de gás pouco depois da chegada ao campo, entre eles Adolf Leon Rath, pai de Brunhilde Weinreb, com 64 anos.

Figura 22. Exposição «Transporte XX. Retratos dos Deportados», 2010. Na primeira linha, o 5.º a contar da direita para a esquerda é Adolf Leon Rath, pai de Brunhilde Weinreb (Fonte: http://www.slideshare.net/abellott/transport-xx-portraits-of-deportees).

Walter faleceu em junho de 1971, estando enterrado no Cemitério Israelita de Lisboa e Brunhilde faleceu, em 2009, em Bruxelas. Peter Weinreb, cujo testemunho nos permitiu fazer esta pesquisa, continua a ter um sentimento de profunda gratidão por Portugal, pelo acolhimento que os pais tiveram e pelo respeito e amizade que sempre os portugueses manifestam relativamente aos estrangeiros e, como prova disso, nunca abdicou da nacionalidade portuguesa apesar de se ter instalado na Bélgica desde 1968 e de se ter casado com uma belga.

Walter e Brunhilde Weinreb, 1942.

Autores.

Daniela Pinheiro e Filipa Machado, 9.º B. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2012/2013.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Peter Weinreb recolhidos por correio eletrónico entre janeiro e maio de 2013.

Fotografias do arquivo pessoal da família Weinreb.

PIMENTEL, Irene. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

MILGRAM, Avraham. *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.

http://www.rtp.pt/play/p58/e106853/caminhos

Agrupamento de Escolas de Vilela

N.O.M.E.S.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

JUDEUS EM PORTUGAL DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

MEMÓRIAS DE UM PARAÍSO EM TEMPO DE GUERRA